

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

A Relação Escola-Família: Uma Parceria Necessária

Ana Rita Guilhermino da Silva

Coimbra, 2019

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Ana Rita Guilhermino da Silva

A Relação Escola-Família: Uma Parceria Necessária

Relatório Final em Educação Pré-Escolar, apresentada ao Departamento de Educação
da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Professora Doutora Ana Maria Sarmento Coelho

Arguente: Professora Doutora Amélia Jesus Gandum Marchão

Orientador: Professor Doutor Luís Carlos Martins d'Almeida Mota

Novembro, 2019

Agradecimentos

Aos professores da Escola Superior de Educação de Coimbra que contribuíram para o meu crescimento e despertaram em mim a curiosidade e a vontade de aprender sempre mais.

Em especial, ao meu orientador, Professor Doutor Luís Mota, pelo apoio, amizade, ajuda, incentivo e disponibilidade ao longo deste percurso, porque sem o seu conhecimento e a sua orientação e paciência, não seria possível a concretização deste relatório.

À Elisa, Catarina e Júlia, funcionárias da biblioteca, por toda a simpatia e a ajuda neste percurso.

À equipa educativa do jardim de infância que me recebeu para desenvolver o estágio e, principalmente à educadora Teresa, por todas as aprendizagens transmitidas e pelo apoio em toda a minha intervenção na instituição.

Aos familiares e às crianças onde tive a oportunidade de estagiar, que fizeram parte integrante neste processo.

Aos meus amigos, que de uma forma direta ou indireta, contribuíram na realização do presente relatório e me apoiaram nesta fase tão importante.

À minha família, pelo apoio ao longo destes anos, e sobretudo aos meus pais e ao meu irmão pela força, dedicação, carinho e, por nunca desistirem de mim e me incentivarem a seguir o meu sonho.

A todos um obrigada!

A Relação Escola-Família: Uma Parceria Necessária

Resumo: O presente relatório resulta de um projeto de investigação-ação, realizado no decurso do estágio, em jardim de infância, no decurso do mestrado em Educação Pré-Escolar, centrado na família e na sua participação no jardim de infância.

Com destinatários com idades entre os 3 e os 5 anos, adotou-se como questão de partida “Como posso promover uma maior articulação entre o jardim de infância e a família?”, com os objetivos específicos: conhecer a relação entre o jardim de infância e a família; identificar as estratégias que os educadores usam (e podem usar) para articular as famílias com o jardim de infância; implementar estratégias que facilitem um maior envolvimento das famílias no jardim de infância; compreender como se sentem as famílias ao participar nas atividades e que importância atribuem a esta participação; e finalmente, avaliar a perceção das crianças sobre as atividades proporcionadas pelas famílias.

Da avaliação de contexto resultou uma intervenção pedagógica que promoveu, de forma sistemática, o envolvimento e a participação dos familiares na construção das aprendizagens das crianças. Em termos metodológicos mobilizaram-se a observação e a entrevista, com recurso a diário de bordo e a guiões de entrevista, buscando captar perceções de familiares e das crianças sobre participação de familiares.

Esta investigação permite comprovar que a articulação entre o jardim de infância e a família tem de ser contínua, isto é, trabalhada diariamente através de estratégias adequadas ao público-alvo para que, de certa forma, possa ser melhorada e cada vez mais próxima. A articulação, e aproximação, possibilita não só uma maior confiança, mas promove igualmente o desenvolvimento de laços afetivos, contribuindo para o desenvolvimento das crianças.

Palavras-Chave: Jardim de Infância; Educação de Infância; Parceria jardim de infância/ família.

The Relationship Between School and Family: a Necessary Partnership

Abstract: This study results from an investigation-action project made during a curricular internship in a kindergarten, in the context of a master's degree in preschool education. So, the focus of this report is the family and their participation in the kindergarten.

Having the children ages between 3 and 5 years old, the research question was: how can I improve a better interaction between the kindergarten and the family? with the following specific goals: to get an insight of the relationship between the kindergarten and the family; to identify the strategies that childhood educators use (and could use) to improve the relationship between the families and the kindergarten; to implement strategies that improve the involvement of the families in the kindergarten; to understand how the families feel during the participation in activities and the importance of this involvement to them and to evaluate the children's perception about the activities provided by the families.

The evaluation of the context has resulted in a pedagogic intervention that promoted, in a systematic way, the involvement and participation of the families in the construction of the children's education. Regarding the methodology, this study uses observation and interview, supported by a logbook and interview scripts, in order to understand the family's and the children's perceptions about the participation of the first.

This investigation allows the verification that the articulation between the kindergarten and the family needs to be continuous, which means, daily worked through the right strategies properly made for the target, to allow it to be improved and increasingly closer. This articulation and approximation result in a bigger confidence and the development of affective bonds, which are very important for the children's development.

Key Words: Kindergarten; Childhood education; Kindergarten/family partnership

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – TEXTO E CONTEXTO.....	5
CAPÍTULO 1 - RELAÇÃO JARDIM DE INFÂNCIA/ FAMÍLIA.....	7
A importância de uma relação.....	9
CAPÍTULO 2 – DA LEI DE BASES AO CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO .	15
Da Lei de Bases à formação de professores	17
Do contexto do jardim de infância ao grupo de crianças	20
PARTE II – PARTE EMPÍRICA	25
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA.....	27
CAPÍTULO 4 – INTERVENÇÃO.....	35
Análise da entrevista à educadora	37
Como tudo começou.....	44
As intervenções das famílias das crianças.....	45
Estratégias de acompanhamento	49
O dia da família	51
A caixa das sugestões	52
CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS ÀS FAMÍLIAS E ÀS CRIANÇAS.....	53
Análise das entrevistas às famílias	55
Análise das entrevistas às crianças.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
APÊNDICES	101

Tabelas

Tabela 1 - Recorte da subcategoria "Importância da Família"	39
Tabela 2 - Recorte da subcategoria "Participação no Jardim de Infância"	41
Tabela 3 - Recorte da subcategoria "Reuniões"	43
Tabela 4 - Calendarização das Atividades	45
Tabela 5 - Mapa Conceptual	56
Tabela 6 - Recorte da subcategoria "Desenvolvimento"	57
Tabela 7 - Recorte da subcategoria "Sentimento"	60
Tabela 8 - Recorte do indicador "Positivo"	60
Tabela 9 - Recorte do indicador "Negativo"	61
Tabela 10 - Recorte da subcategoria "Envolvimento"	63
Tabela 11 - Recorte da subcategoria "Aprendizagem"	65
Tabela 12 - Recorte do indicador "Entusiasmo"	67
Tabela 13 - Recorte do indicador "Timidez"	68
Tabela 14 - Recorte do indicador "Casa"	68
Tabela 15 - Recorte do indicador "Distraído"	69
Tabela 16 - Recorte do indicador "Satisfação da Criança"	70
Tabela 17 - Recorte do indicador "Desenvolvimento"	72
Tabela 18 - Recorte do indicador "Enriquecer"	73
Tabela 19 - Recorte da subcategoria "Relação Escola-Família"	75
Tabela 20 - Recorte da categoria "Papel da Estagiária"	76
Tabela 21 - Recorte da subcategoria "Satisfação"	77
Tabela 22 - Recorte da subcategoria "Vontade"	78
Tabela 23 - Recorte da subcategoria "Ausência"	78
Tabela 24 - Recorte da subcategoria "Satisfação"	78
Tabela 25 - Recorte da subcategoria "Mais Gostaram"	80
Tabela 26 - Recorte da subcategoria "Menos Gostaram"	82
Tabela 27 - Recorte da subcategoria "Conhecimentos Adquiridos"	84

Abreviaturas

A3ES – Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior

ECTS – Sistema Europeu de Acumulação e Transferências de Créditos

EEES – Espaço Europeu de Ensino Superior

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

JI – Jardim de Infância

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

SNIPi – Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

INTRODUÇÃO

O presente relatório final resulta de uma investigação realizada no âmbito do mestrado em Educação Pré-Escolar, na unidade curricular de Prática Educativa I. O tema emergiu não só da minha observação relativamente à relação entre o jardim de infância e a família, mas também da minha curiosidade e do meu interesse em perceber como era essa relação e como é que ela podia ser melhorada, de forma a garantir uma aproximação efetiva.

Serão então apresentadas as fases do projeto de investigação-ação implementado no ano letivo de 2017/2018, num jardim de infância, com um grupo de idades heterogéneas, compreendidas entre os três e os cinco anos, constituída por vinte e duas crianças.

Partindo da questão “Como posso promover uma maior articulação entre o jardim de infância e a família?”, esta investigação visa compreender como é que esta relação pode ser melhorada e quais as estratégias necessárias que se podem utilizar, para fazer com que a articulação seja facilitada. Desta forma, formularam-se cinco objetivos: conhecer a relação entre o jardim de infância e a família; identificar as estratégias que os educadores usam (e podem usar) para articular as famílias com o jardim de infância; implementar estratégias que facilitem um maior envolvimento das famílias no jardim de infância; compreender como se sentem as famílias ao participar nas atividades e que importância atribuem a esta participação; e finalmente, avaliar a perceção das crianças sobre as atividades proporcionadas pelas famílias.

Com o primeiro objetivo, é pretendido conhecer essencialmente como é a relação entre a instituição e a família, de modo a analisar e a intervir de forma mais adequada. Com a entrevista à educadora, é possível retirar os dados necessários para planificar toda a intervenção, uma vez que é essencial perceber que estratégias é que utiliza. O terceiro objetivo consiste em planificar uma intervenção, enunciando as atividades, bem como as estratégias. No quarto, tenciona-se conhecer como as famílias se sentem relativamente à sua participação na instituição, mas igualmente qual a sua conceção sobre a importância desta participação. Por fim, é dada voz às crianças para perceber como se sentem relativamente às atividades, percebendo não só, se apreciam a participação dos familiares, mas também de quais atividades gostam mais e menos.

Este relatório divide-se em duas partes. A primeira surge subdividida em dois capítulos. O primeiro apresenta a revisão da literatura, mais especificamente, a

fundamentação sobre a participação das famílias no jardim de infância e a sua importância, abordando não só alguns conceitos, mas também qual é o papel da instituição, do educador e da família, bem como a complexidade, os benefícios e os obstáculos da relação. No segundo capítulo realiza-se uma breve contextualização do sistema educativo e uma caracterização tanto da instituição como do grupo de crianças envolvidas na investigação. O sistema educativo foi abordado segundo a lei de bases e a formação de professores e educadores, com o intuito de compreender o caminho que é necessário percorrer para conferir habilitação profissional. A caracterização da instituição buscou conhecer e compreender o modelo curricular e as opções pedagógicas, articulado com os espaços, exteriores e interiores, e a sua utilização, bem como o grupo e o seu agregado familiar.

A segunda parte do relatório surge estruturada em três capítulos. No terceiro capítulo apresenta-se a questão de partida e os objetivos específicos definidos e explicita-se a natureza da investigação, neste caso, qualitativa, bem como a estratégia da investigação, a investigação ação. Referem-se tanto as técnicas de recolha de dados, nomeadamente, a observação, a entrevista semidiretiva e a de grupo - grupo focal -, como os instrumentos de recolha de dados utilizados, designadamente, o diário de bordo, utilizado durante toda a intervenção e os guiões de entrevista. Por fim, elucida-se sobre todo o tratamento e análise da informação recolhida. O capítulo quarto apresenta não só a análise da entrevista realizada à educadora, mas também descreve a intervenção pedagógica, através de uma planificação em que são descritas, ao pormenor, todas as atividades e as estratégias concretizadas. Por fim, o último capítulo pretende apresentar e discutir as perceções de familiares e crianças, sobre as atividades proporcionadas. Se por um lado, as famílias vão descrever como se sentem no decorrer das atividades, e qual a importância que atribuem a esta participação, as crianças vão mencionar não só se gostam da presença e participação deles, mas também quais as atividades que mais os interessou e as que menos apreciaram.

Nas considerações finais realiza-se uma reflexão analisando e discutindo os objetivos definidos, avaliando-se o trajeto percorrido. No que concerne ao estudo, procura-se complexificar a análise, destacam-se potencialidades e limitações, bem como se equacionam novos caminhos a prosseguir na investigação desta problemática.

PARTE I – TEXTO E CONTEXTO

CAPÍTULO 1 - RELAÇÃO JARDIM DE INFÂNCIA/ FAMÍLIA

No presente capítulo aborda-se a importância da relação entre o jardim de infância e a família, focalizando o papel do jardim de infância, do educador e da família. Desta forma, ao longo do capítulo far-se-á referência a diversos autores que consubstanciam a revisão de literatura realizada sobre a problemática em apreço e que, de algum modo, fundamentam o estudo desenvolvido.

A importância de uma relação

Entende-se o conceito família como um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças (Costa, 1992) ou ainda um grupo no qual a criança se insere por meio de adoção (Davies, 1989).

É crucial que exista, para a educação e desenvolvimento da criança, uma relação positiva entre a família e o jardim de infância. Estes dois parceiros alicerçam contextos sociais diferentes, mas complementares que contribuem para a educação da mesma criança e, por isso mesmo, a responsabilidade deve ser partilhada (Simões, 2009). São não só, dois elementos interdependentes e que se influenciam mutuamente nas aprendizagens que proporcionam, mas também constituem um dos pilares do desenvolvimento de todo o ser humano (Caeiro, 2005).

Torna-se fundamental que essa relação seja um dos domínios essenciais do currículo na educação pré-escolar, dado que família e educação são dois termos inseparáveis (Villas-Boas, 2001) e partilham grandes responsabilidades na educação da criança (Silva, 2003).

O trabalho em equipa entre o jardim de infância e a família contribui significativamente para a educação da criança, na medida em que ambos têm informações pertinentes e proporcionam experiências que potenciam aprendizagens para ajudar a criança no seu desenvolvimento, tanto no jardim de infância como no seio familiar (Simões, 2009). Ambos são essenciais pois contribuem para a construção do ser humano e por isso “devem assumir os seus papéis numa linha de cooperação mútua, integrando positivamente as normais diferenças culturais nas relações de diálogo e na ação educativa, como condição indispensável para o conhecimento dos educandos, a compreensão da sua mundividência e a consecução do seu sucesso escolar” (Nunes, 2004, p. 32).

O jardim de infância surge como uma extensão da família, tendo como uma das suas principais funções, alargar e complementar o seu papel educativo (Lima, 1992). É de salientar que o papel do jardim de infância é fundamentalmente prestar um serviço de qualidade e para que a relação com as famílias seja facilitada, a estruturação dos horários é uma das estratégias que são utilizadas, na medida em que os horários devem ser mais flexíveis e são pensados para que os pais possam estar presentes mais frequentemente (Magalhães, 2007).

Uma instituição educativa que seja atenta e sensível a todas as expectativas e inseguranças das famílias, é uma instituição que transmite mais segurança e mais confiança às crianças (Guzman, 2012) e, para que isso aconteça, é necessário que o jardim de infância se adapte às experiências das crianças, sendo uma continuidade da aprendizagem iniciada em casa, no seio familiar. Para isso, a mesma deve apoiar-se nas experiências e crescer gradualmente, de forma a aprofundar e alargar os valores da criança (Simões, 2009).

Desta forma, para que a educação das crianças seja de qualidade é fundamental que as famílias sejam um elemento fundamental da instituição educativa (Martínez, 2013) e, por isso, é de extrema importância conhecermos a forma como a família vê a função da escola e quais as suas expectativas (Silva, 2000). Uma boa educação de infância provoca o desenvolvimento, não apenas das crianças, mas dos adultos que com ela interagem, com especial incidência nos pais e nos profissionais (Vasconcelos, 2009), pois a educação é um processo contínuo de autoconstrução (Matos, 2017).

Já o profissional deve ser visto como um intelectual do currículo, gestor e promotor de estímulos não só para as crianças, mas também para as suas famílias (Vasconcelos, 2009). O educador não é o centro da ação educativa, mas aquele que acompanha a criança no seu caminho (Marques, 2001), tornando-a pensador crítico e em interação com os outros (Vasconcelos, 2009).

Cabe ao educador criar estratégias e encontrar formas de comunicar e articular com as famílias, não só para que a relação seja positiva, mas também para que a participação das famílias seja mais facilitada, na medida em que há delas que têm disponibilidade de ir às instituições partilhar as suas profissões ou contarem histórias mas, também há outras que não têm possibilidade de ir devido ao seu horário de trabalho e, por isso, é fundamental adaptar esta participação para que todas as crianças

vejam os contributos das suas famílias, através de diversas formas (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

Neste contexto, criar relações positivas e cooperantes entre os educadores e as famílias que têm uma cultura diferente, requer do educador um grande profissionalismo, muita experiência e sobretudo educação e valores pessoais (Departamento da Educação Básica, 1998), pois a primeira tarefa do educador é perceber de onde a criança vem e qual a sua cultura (Silva, 2000).

O diálogo com as famílias permite aos educadores compreender os contextos familiares das crianças e adequar a sua intervenção educativa, respeitando os seus interesses e a sua individualidade (Silva et al., 2016), reconhecendo que as sugestões que apresentam têm de ser consideradas e ponderadas (Silva, 2001).

Esta relação entre a família e o jardim de infância pode ser encarada pelos educadores de formas distintas. Por um lado, os educadores sentem-se gratificados nas suas funções (Nunes, 2004), pois esta relação com as famílias permite que o seu trabalho seja mais satisfatório e facilitado, na medida em que se desenvolve a autoestima, a eficiência e a motivação, por outro, a participação dos pais, para muitos educadores, é vista como um excesso de poder (Homem, 2002), na medida em que têm receio de perder a sua autonomia (Macbeth, 1984), do controlo que pode ser exercido sobre eles (Afonso, 1993), da desvalorização da profissão (Smyth, 1993) e, sobretudo, que o seu próprio conhecimento seja posto em causa.

O papel da família é assim fundamental para a educação da criança, uma vez que os pais são considerados os primeiros educadores dos filhos (Avelino, 2005).

Um dos principais objetivos da educação pré-escolar é incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade. No que diz respeito à participação, o conceito é muito divergente, na medida em que os autores o definem de duas formas distintas. Se para alguns autores, participar é visto como uma prática e um exercício (Lima, 1992) e apenas como uma integração de órgãos da instituição educativa, de associações de pais ou órgãos a outros níveis do sistema educativo (Silva, 2003), para outros participar é fazer parte integrante, acompanhar e ter qualidades comuns à instituição educativa (Avelino, 2005), pois refere-se a atividades dos pais que supõem algum poder ou influência numa

tomada de decisão nas escolas (Davies, 1989) expondo assim os seus interesses e valores (Nóvoa, 1992).

Essa participação não pode ser vista como algo negativo, visto que a instituição é não só para as crianças que a frequentam, mas também para as suas famílias (Homem, 2002). Os pais são os principais responsáveis pela educação dos filhos e têm o direito de participar no seu desenvolvimento, devendo ser não só informados de tudo o que se passa no jardim de infância, como também devem ter a oportunidade de contribuir para enriquecer o planeamento e a avaliação da prática educativa (Silva et al., 2016).

É fundamental que exista uma cooperação entre ambas e, desta forma, é essencial consciencializarmo-nos que o correto é agir com as famílias, ao invés de agir sobre as famílias (Vasconcelos, 2009) e, por isso, é vital que a família participe e se mostre disponível no jardim de infância, pois a educação e o acompanhamento dos filhos no processo educativo não é um direito, mas sim uma obrigação dos pais (Miguéns, 2005), e nada é pior para o desenvolvimento e bem-estar da criança do que a ausência da família na educação (Marques, 2001). Essa cooperação pode existir através da integração dos pais não só no jardim de infância, mas na sala, nos próprios projetos educativos, podendo apoiar os filhos na pesquisa e na sua construção.

A família é um elemento essencial pois detém um peso significativo no desenvolvimento das crianças, uma vez que é no seio familiar que “se nasce, se processa o crescimento e se constrói um projeto de vida autónomo” (Nunes, 2004, p.33) e, por isso, cabe aos pais criar um ambiente familiar favorável para que os filhos aprendam os valores e consolidem a informação proporcionada pelo jardim de infância (Asseiro, 2005).

Os pais devem ser cada vez mais parceiros no jardim de infância, não só porque “constitui uma forte contribuição para a autoestima da comunidade, para a valorização do trabalho efetuado no dia-a-dia, seguramente um contributo muito positivo para o aproveitamento dos alunos” (Asseiro, 2005, p.88) mas também porque se colaborarem com o trabalho pedagógico, mais especificamente nos projetos, através de pesquisas com os filhos, estão a contribuir em conjunto com os educadores, para o desenvolvimento das crianças proporcionando aprendizagens revelantes.

As famílias aproximam-se dos educadores quando existe uma relação baseada no respeito e na aceitação (Qualidade e Projeto, 1998) e, por isso, o diálogo é a

estratégia fundamental que facilita a relação de confiança, pois permite às famílias expor as suas opiniões, expectativas e dúvidas (Silva et al., 2016).

A participação das famílias no jardim de infância é fundamental, mas é importante tomar em linha de conta que tem não só os seus benefícios, mas também os seus obstáculos, pois se, por um lado, a participação das famílias no jardim de infância proporciona diversos benefícios na medida em que os próprios pais progridem na capacidade de exercerem as suas capacidades de educação e de participação (Nunes, 2004), por outro, há famílias que optam por duas vias: ou se afastam e reconhecem a escola como separada da família, com valores diferenciados, ou desenvolvem estratégias de aproximação e participação apenas numa tentativa de controlo (Duru-Bellat & Van-Zanten, 1992).

Neste capítulo procurou-se abordar a importância da sua relação com o jardim de infância, através da participação e colaboração com os educadores, de modo a apoiar o seu educando e a contribuir para o seu desenvolvimento.

CAPÍTULO 2 – DA LEI DE BASES AO CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO

Neste capítulo realiza-se uma breve caracterização do sistema educativo, a partir da lei de bases, procurando-se, com base na literatura, desenvolver uma aproximação à realidade da formação de professores, em geral, e do contexto do presente relatório, em particular. Na sequência elabora-se, ainda que de forma sintética, uma caracterização da instituição e do grupo de crianças destinatário da investigação de que damos nota neste relatório final.

Da Lei de Bases à formação de professores

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) (Lei n.º 46/86 de 14 de outubro), consubstancia o quadro geral do sistema educativo e corporiza a garantia, para todos os portugueses, do direito à educação e à cultura, através de uma ação formativa que é orientada sob responsabilidade de instituições de diversa natureza, sejam públicas, privadas ou cooperativas. O seu propósito é, no caso das crianças, incentivá-las a serem cidadãos livres, responsáveis, autónomos, solidários e com espírito crítico e criativo (Assembleia da República, 1997).

Como está patenteado na LBSE, o sistema educativo está estruturado em três sistemas, nomeadamente, na educação pré-escolar, na educação extra-escolar e na educação escolar.

A educação pré-escolar com especificidade própria e autonomia em relação à educação escolar, realiza-se em consonância com a família e destina-se a crianças dos 3 anos até à entrada no ensino básico, neste caso, no 1º ano do 1º ciclo. A sua frequência é facultativa, contudo pretende-se que seja universal, isto é, que todas as crianças a frequentem, desde 2015, a partir dos 4 anos de idade (Lei n.º 65/2015 de 3 de julho). Os objetivos da educação pré-escolar passam por contribuir para a igualdade de oportunidades relativamente ao acesso à escola, promover o desenvolvimento pessoal e social da criança através de experiências, despertar a curiosidade e desenvolver o pensamento crítico, proporcionar o bem-estar e a segurança e incentivar a participação das famílias e a colaboração com a comunidade (Pires, 1987).

A educação extra-escolar diz respeito à educação permanente ou educação ao longo da vida, visando o aumento de conhecimentos de cada indivíduo de modo a desenvolver as suas competências e desta forma, promover a igualdade de oportunidades de todos os indivíduos. Os quatro setores fundamentais de

concretização são a alfabetização e a educação de base dos adultos, as atividades de reconversão e aperfeiçoamento profissional, pelo desenvolvimento das aptidões tecnológicas e do saber técnico, a educação cívica, e, finalmente, a educação para a ocupação criativa dos tempos livres. (Pires, 1987).

A educação escolar está dividida em três níveis sequenciais, sendo eles o ensino básico, o ensino secundário e o ensino superior. É de salientar que o ensino básico e o ensino secundário constituem a escolaridade obrigatória, perfazendo um total de 12 anos (Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto).

O ensino básico é entendido como universal, pois todas as crianças e jovens têm igual oportunidade de ingressar e prosseguir na sua escolaridade, sendo totalmente gratuito. Atualmente, o ensino básico encontra-se dividido em três ciclos.

O 1º ciclo tem a duração de 4 anos e destina-se a crianças dos 6 aos 10 anos de idade. Nestes primeiros anos a responsabilidade cabe a um único professor, regime de monodocência, que pode ser coadjuvado em certas áreas – e.g. educação física. Neste ciclo abordam-se áreas como o Estudo do Meio, a Língua Portuguesa, a Matemática e as Expressões. Durante o 1º ciclo propõe-se, como objetivos a desenvolver, a linguagem oral e a iniciação gradual da leitura e da escrita, noções da aritmética e de cálculo, do meio físico e do meio social e também o desenvolvimento das expressões como a plástica, a dramática, a musical e a motora.

O 2º ciclo tem a duração de dois anos e destina-se a crianças dos 10 aos 12 anos de idade. Este novo ciclo vem pôr fim ao regime de monodocência, dando lugar a um regime de um docente por área, distribuindo-se pelas formações humanística, artística, física e desportiva, científica e tecnológica e a educação moral e cívica. Constituem domínios de formação que visam habilitar os alunos a assimilar e a interpretar a informação, de forma a proporcionar a aquisição não só de métodos, mas também de instrumentos de trabalho e de conhecimento, que possibilitem, assim, o prosseguimento da sua formação.

Por fim, o 3º ciclo, o último do ensino básico, tem a duração de três anos e abrange as crianças dos 12 aos 15 anos de idade. Este ciclo segue o regime de pluridocência, onde cada professor é responsável por uma disciplina, ou grupo de disciplinas. Estas são abordadas e integradas através da cultura humanística, literária, artística, física e desportiva e científica e tecnológica. Esta cultura, perceptível através

das diferentes áreas vocacionais, é essencial tanto no acesso à vida ativa como na continuação dos estudos (Pires, 1987).

Note-se que os planos curriculares que dizem respeito ao ensino básico apesar de serem instituídos a nível nacional e por isso, seja um currículo igual para todos, é essencial que sejam flexíveis, podendo sofrer adaptações a nível regional.

O ensino secundário tem a duração de três anos, correspondendo aos 10º, 11º e 12º anos e é disciplinar. O ensino é especializado, tendo como objetivo, em alternativa, uma formação tecnológica profunda, constituindo uma preparação para a vida ativa, ou uma formação para o prosseguimento dos estudos no ensino superior. Os primeiros cursos possuem uma componente de formação de sentido mais técnico, tecnológico e profissionalizante, e estoutros detêm uma componente a nível de formação de línguas e da cultura portuguesa, de forma a respeitar cada curso (Pires, 1987).

O ensino superior organiza-se em dois subsistemas, o universitário e o politécnico. É objetivo destes subsistemas formar cidadãos nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a entrada em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade portuguesa.

No contexto de globalização, no seio da União Europeia, os programas de educação e formação incluem as iniciativas no âmbito da plataforma intergovernamental “Processo de Bolonha”, no seio da qual se vêm adotando medidas consideradas centrais para a criação do Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES). Na sequência, merecem destaque a criação de uma Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) que visa reforçar e garantir um ensino de qualidade e do Sistema Europeu de Acumulação e Transferência de Créditos (ECTS) – que possibilita a intensificação da mobilidade de estudantes e professores e constitui uma aposta na aprendizagem ao longo da vida e uma mudança de paradigma pedagógico com a focalização no trabalho do estudante (Decreto-lei n.º 74/2006, de 24 de março) – bem como, a adoção de um sistema único de graus, por adoção do modelo anglo-saxónico, na modalidade de três mais dois anos, nos dois primeiros ciclos (Mota & Ferreira, 2017). De assinalar que hoje, desde que satisfeitas as exigências consignadas em lei, qualquer instituição, de ambos subsistemas do ensino superior, pode conferir os graus académicos de licenciatura (1º ciclo), mestrado (2º ciclo) e doutoramento (3º ciclo) (Decreto-Lei n.º 65/2018 de 16 de agosto). Note-se

que desde 2007, data da publicação do penúltimo regime jurídico de habilitação profissional para a docência (Decreto-lei n.º 43/2007, de 22 de fevereiro), que a habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar, 1º e 2º ciclos do ensino básico se estrutura em dois ciclos e ocorre, maioritariamente mas não exclusivamente, no subsistema politécnico, com a duração de 180 ECTS aquele e entre 90 a 120 ECTS estoutro (Decreto lei n.º 79/2014, de 14 de maio).

Assim, presentemente, a licenciatura em Educação Básica tem a duração de 3 anos, correspondendo a 6 semestres com um total de 180 ECTS (30 por semestre), enquanto a oferta educativa, ao nível do 2º ciclo, inclui mestrados em Educação Pré-escolar, em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e Português e História e Geografia de Portugal do 2º Ciclo do Ensino Básico e em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e Matemática e Ciências Naturais do 2º Ciclo do Ensino Básico (Mota & Ferreira, 2017).

O presente relatório final integra-se no Mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educação de Coimbra, tem a duração de três semestres, com um total de 90 ECTS. O mesmo tem como principal objetivo, conferir habilitação profissional para a educação pré-escolar. O mestrado possui, como componentes de formação, as didáticas específicas, a formação cultural, social e ética, a formação educacional geral, a formação na área da docência e a prática de ensino supervisionada. (Mota & Ferreira, 2017). É precisamente no âmbito desta última componente de formação, que corresponde a 39% dos ECTS deste 2º ciclo, na unidade curricular de Prática Educativa, espaço para a realização de estágios de natureza profissionalizante, que se desenvolve o projeto de investigação-ação de que se dá nota no presente relatório.

Do contexto do jardim de infância ao grupo de crianças

O jardim de infância onde decorreu o estágio trata-se de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), foi inaugurado a 12 de julho de 1940 e situa-se numa freguesia da margem esquerda do rio Mondego, no concelho de Coimbra. A instituição educativa encontra-se aberta todos os dias úteis das 7h45m às 18h30m, exceto aos fins de semana e feriados, bem como durante o mês de agosto. Promove uma pedagogia baseada na abordagem de projeto, partindo das motivações e do

envolvimento das crianças por um determinado tema e é construído pelas mesmas, apenas com a coordenação do/a educador/a, que tem como principal função, orientar o projeto de forma a responder aos interesses do grupo. É vista como uma abordagem flexível que permite desenvolver a sensibilidade, a criatividade, a autonomia e a socialização da criança (Killpatrick, 2006).

O espaço interior da instituição é constituído por duas casas de banho, uma destinada às crianças e outra aos adultos, um refeitório, uma copa, sótão para arrumações, um gabinete e ainda três salas que funcionam como espaços em sistemas de ateliês, mais especificamente, numa lógica de sistema de rotatividade. A Sala das Cores, vocaciona-se para as atividades de expressão plástica, mas também oferece diversos jogos de construção, jogos de mesa, computador, área da ciência e ainda a biblioteca. A Sala dos Cantinhos está dividida em diversas áreas de jogo simbólico e possui também área da biblioteca, computadores, jogos de mesa e jogos de construção. Por fim, o Salão encontra-se direcionado para as atividades de motricidade e de grande grupo, acabando por igualmente proporcionar, à semelhança das outras duas salas, jogos de construção, jogos de mesa, computadores e biblioteca. O espaço exterior dispõe de uma varanda coberta, um espaço de coreto reservado nas traseiras, um parque e o espaço envolvente.

A utilização do espaço na instituição segue uma lógica específica. Mais precisamente, em relação ao espaço interior, as três salas vão sendo utilizadas pelos grupos, de forma rotativa. Este sistema de rotatividade entre as três salas, acaba por trazer diversas vantagens na medida em que os espaços e os materiais são rentabilizados, oferecendo assim as mesmas condições de utilização a todas as crianças. Desta forma, é incutido um sentido de responsabilidade às crianças pois vão tomando consciência que o trabalho dos outros merece ser respeitado e que a sala deve ficar arrumada para as crianças que ocupem o espaço a seguir. Através deste sistema, todos se conhecem, tendo a oportunidade de estabelecer relações com um maior número de crianças e adultos, contribuindo para as suas experiências de socialização. Favorece, ainda, o trabalho em equipa através da organização e planeamento de atividades, pois cada sala é designada para atividades específicas.

Em relação à rotina das crianças, tanto o espaço interior como o exterior são utilizados para diversos momentos. No que diz respeito ao espaço interior, entre o

horário de abertura e as nove da manhã, a sala das cores é utilizada por elementos de todos os grupos. Posteriormente, entre as nove da manhã e o meio dia, o grupo permanece numa das salas existentes (e.g. Sala dos Cantinhos), e no período da tarde, deslocava-se para outra sala (e.g. Sala das Cores). Já na manhã seguinte, as crianças iniciavam o dia na mesma sala em que tiverem estado na tarde anterior seguindo, no período da tarde, para a sala em falta (e.g. Salão). O espaço exterior é utilizado em vários momentos ao longo do dia, nomeadamente no período da manhã, após o almoço e durante a tarde.

O estabelecimento tem capacidade para 69 crianças e dos três grupos constituídos, dois deles são de idades heterogéneas. O grupo verde é formado por crianças de 3 anos, o grupo vermelho é maioritariamente constituído por crianças de 4 anos e o grupo azul é composto predominantemente por crianças de 5 anos. Estoutro, é formado por 22 crianças, 11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Trata-se de um grupo com idades heterogéneas na medida em que é constituído por 16 crianças de cinco anos, 4 com quatro anos e ainda 2 com três anos de idade. É de salientar que 16 crianças passaram a frequentar instituição educativa em setembro de 2015, uma em abril de 2016 e, as restantes, em 2017.

Do ponto de vista comportamental, as crianças são confiantes, muito comunicativas e participativas, mantêm uma boa relação com os adultos, gostam muito de falar uns com os outros, fazem sempre muitas perguntas, adoram contar o que experienciaram e envolvem-se nas atividades propostas. Relativamente aos projetos que são desenvolvidos, participam com satisfação, demonstrando muito interesse nas atividades assim como vontade e iniciativa em fazer novas descobertas. Características que se compaginam, para a generalidade das crianças, com algumas dificuldades em aceitar as regras, como por exemplo, o esperar pela sua vez de falar, falar baixo, respeitar os colegas ou arrumar a sala. Alguns, experimentam mesmo dificuldades em estar sentado e ouvir ou respeitar o outro quando fala, tendo-se revelado fundamental trabalhar essa questão devido ao facto de ser um grupo muito irrequieto e que necessita de maior controlo a nível de regras. Acresce que o grupo se revela algo instável, em particular, devido às características especiais de algumas crianças que o compõe, pois nele está sinalizada uma criança com necessidades educativas especiais, mais especificamente, com hiperatividade. É, portanto, necessário o acompanhamento

constante dos adultos, porque apesar de ser uma criança meiga, esta é muito agitada e impulsiva, com uma grande dificuldade em aceitar regras. Note-se que esta criança é acompanhada por uma psicóloga do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI).

A idade dos pais varia entre os 26 e os 45 anos e as suas habilitações escolares estão compreendidas entre o 4º ano e o Doutoramento. A nacionalidade é maioritariamente portuguesa, com 16 pais, mas há ainda um luxemburguês, um brasileiro e um são tomense. Já no que diz respeito à idade das mães, estas variam entre os 23 e os 45 anos e as suas habilitações escolares estão compreendidas entre o 9º ano e o Mestrado. Relativamente à nacionalidade há vinte mães portuguesas e apenas uma brasileira. A residência para a maioria das famílias situa-se na União de freguesias de Coimbra e na União de freguesias de Santa Clara e Castelo de Viegas, contudo 8 famílias moram nos arredores de Coimbra, num raio de 20 km. Estas famílias pertencem, do ponto de vista socioeconómico e cultural, revelam grande diversidade, distribuindo-se por diferentes grupos sociais.

Em conclusão, pretendeu-se, num primeiro momento, abordar o sistema educativo segundo a lei de bases e a formação de educadores e professores, de forma a compreender os procedimentos necessários para atingir a habilitação exigida para se exercer a profissão. Posteriormente, foi apresentada uma breve caracterização da instituição e do modelo pedagógico, descreveram-se os espaços, interiores e exteriores, a sua utilização, bem como se caracterizou o grupo e os agregados familiares de pertença.

PARTE II – PARTE EMPÍRICA

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

No presente capítulo apresenta-se uma breve caracterização da investigação qualitativa, abordando, igualmente, a questão de partida e os objetivos nela implícitos. Posteriormente, referem-se as técnicas de recolhas de dados, especificamente, a observação, a entrevista semidirética e a de grupo – grupo focal –, bem como os instrumentos de recolha de dados, seja o diário de bordo, mobilizado durante toda a investigação, e os guiões de entrevista.

Durante o estágio no jardim de infância tive a oportunidade de observar não só o seu funcionamento, mas também as crianças e a sua relação com a comunidade e com as famílias. Desta forma, considerei que seria uma mais valia perceber como era esta relação entre o jardim de infância e a família e como poderia ser melhorada. Através de uma observação continuada, acompanhada de uma reflexão crítica, decidiu-se que seria este o caminho a prosseguir, centrando a temática a estudar na relação entre o jardim de infância e a família, processo do qual resultou a formulação de uma pergunta de partida, assim enunciada: “Como posso promover uma maior articulação entre o jardim de infância e a família?”.

Na sequência e com a pretensão de delinear o caminho da pesquisa, formularam-se um conjunto de objetivos específicos que passam por: conhecer a relação entre o jardim de infância e a família; identificar as estratégias que os educadores usam (e podem usar) para articular as famílias com o jardim de infância; implementar estratégias que facilitem um maior envolvimento das famílias no jardim de infância; compreender como se sentem as famílias ao participar nas atividades e que importância atribuem a esta participação; e finalmente, avaliar a perceção das crianças sobre as atividades proporcionadas pelas famílias.

O presente estudo enquadra-se numa investigação qualitativa, levando em consideração a posição de Strauss e Corbin, quando inserem nesse âmbito “qualquer tipo de pesquisa que [...] produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação” (2008, p. 23). Este tipo de pesquisa atribui especial atenção aos significados e aos contextos (Almeida & Freire, 2003) e analisa sobretudo experiências de indivíduos ou de grupos, observando as interações e comunicações que se estão a desenvolver (Flick, 2009b). Estuda-se então a realidade sem a fragmentar e descontextualizar, partindo sobretudo dos próprios dados e não de

teorias prévias, de forma a compreendê-los e a explicá-los (Almeida & Freire, 2003). A investigação qualitativa assenta na ideia de dar voz aos participantes (Amado, 2017) e é caracterizada por ser descritiva e por obter os dados em ambiente natural, atribuindo o instrumento principal ao próprio investigador. Os investigadores são caracterizados por se interessarem mais pelo processo do que pelos resultados ou os produtos, tendendo a analisar os seus dados de forma indutiva (Bogdan & Biklen, 1994).

No que diz respeito à estratégia de investigação utilizada neste relatório final, recorreu-se à investigação ação. Este tipo de investigação é um procedimento fundamentalmente *in loco*, a fim de lidar com o problema concreto, numa determinada situação, num processo controlado passo a passo, com recurso a várias técnicas de recolha de dados, e.g., questionários, diários e entrevistas (Cohen & Manion, 1989). Surge com o estudo de uma situação social, de forma a melhorar a qualidade da ação, dentro da mesma (Almeida & Freire, 2003), sendo então uma abordagem de natureza essencialmente prática da resolução dos problemas o que torna esta investigação atraente para os educadores que tenham identificado um problema e queiram investigá-lo e, muito especialmente, aperfeiçoar a sua ação. (Bell, 2002).

Esta estratégia de investigação é habitualmente dividida em duas modalidades, a investigação-para-a-ação e a investigação-na/pela-ação (Amado, 2017). A opção, neste relatório final, recaiu na investigação-na/pela-ação que consiste num procedimento complexo, não só por ser um processo onde se envolvem investigadores e a sociedade, mas também em consequência da sua multidireccionalidade e dos seus objetivos, sendo eles a produção de conhecimento, a introdução de mudanças e a formação de competência nos participantes. É fundamental tomar em linha de conta que este tipo de investigação segue um carácter auto-avaliativo, autorreflexivo, prático, interventivo e, ainda, colaborativo (Amado, 2017). A investigação conheceu diversas fases, após a clarificação do que se pretendia estudar, procedeu-se à revisão de literatura, seguindo-se a recolha de dados e, posteriormente, foram analisados, organizados e interpretados.

Enquanto técnicas de recolha de dados, a observação, a entrevista e o grupo focal foram as mobilizadas na presente investigação. A observação é uma técnica credível, uma vez que os dados obtidos não se encontram influenciados pelas opiniões

ou pontos de vista (Afonso, 2005), na medida em que, consiste em ver, ouvir e examinar o que se pretende investigar, obrigando o investigador a ter um contacto mais próximo (Gerhardt & Silveira, 2009) sem manipular o objeto de estudo (Coutinho, 2011). Durante a presente investigação, a observação foi contínua, uma vez que, como corrobora Laville e Dione (1999), este processo está presente na escolha e formulação do problema, na construção de hipóteses e recolha de informação, e ainda na análise e interpretação dos dados obtidos.

A entrevista é um método de recolha de informação que se baseia em conversas orais, tanto individuais como em grupo, com o objetivo de obter a informação necessária (Ketele & Roegiers, 1999) através da transferência de ideias de uma pessoa, para outra (Amado, 2014), sendo que os participantes desempenham papéis fixos na medida em que o entrevistador pergunta e o entrevistado responde (Esteves, 2008). Este método é utilizado sobretudo para transformar em dados importantes toda a informação transmitida por um sujeito, visto que é uma forma muito eficaz e com pouca distorção da realidade (Tuckman, 2000). Uma das funções do entrevistador é a grande responsabilidade não só no modo de conduzir a entrevista, mas também na de obedecer às instruções prévias (Tuckman, 2000), e, por isso, é fundamental comunicar ao entrevistado, no início da entrevista, qual é o principal objetivo e que a entrevista segue normas de confidencialidade, não referindo nomes, nem usando qualquer tipo de gravação para outros fins que não a investigação em curso (Bogdan & Biklen, 1994).

Neste contexto, verifica-se a existência de diversos tipos de entrevista, nomeadamente a entrevista estruturada ou diretiva, a semiestruturada ou semidiretiva, a não estruturada ou não diretiva e, ainda, a entrevista informal (Amado, 2014), sendo que a entrevista utilizada nesta investigação é a semiestruturada ou semidiretiva. Esta implicou a construção de um plano prévio, mais especificamente, um guião de entrevista que constitui o instrumento de recolha dos dados, ou melhor, serve para obter a informação desejada, não ignorando que seja dada liberdade de resposta ao entrevistado (Amado, 2014).

Já o grupo focal tem como principal objetivo, envolver um grupo de pessoas na discussão de um determinado tema (Amado, 2014). Se, por um lado, o entrevistador deve impedir que os participantes, tanto o grupo focal como os individuais, dominem

a entrevista e controlem, sobretudo, o grupo, de modo a interferir com os dados obtidos (Flick, 2009a), por outro, deve garantir que os intervenientes não só interajam com ele próprio, mas também que interajam uns com os outros (Barbour, 2009). Estes tipos de entrevista são fulcrais na medida em que a riqueza dos dados que se obtém é avassaladora (Flick, 2009a). No grupo focal, é fundamental ter em linha de conta não só que a escolha dos membros do grupo é feita ao acaso, visto que a escolha por conveniência pode contribuir para a distorção dos dados, mas também que o número pode variar entre os 4 e os 15 participantes, em cada um (Amado, 2014).

Neste contexto, foram construídos três guiões de entrevista e, de acordo com os propósitos do estudo, foram organizados em blocos, objetivos, questões orientadoras, e perguntas de aferição (apêndice II, III e IV). Relativamente aos blocos, foram constituídos três no guião das crianças e quatro no guião da educadora e das famílias. O primeiro e o último bloco são iguais para os três guiões, na medida em que no primeiro é pretendido legitimar e apresentar a entrevista, explicando quais os seus objetivos, o modo como a entrevista vai decorrer e garantindo o anonimato, ao passo que o último bloco tem como objetivo finalizar a entrevista e perceber se os entrevistados têm algo a acrescentar. No guião da entrevista à educadora, o segundo bloco diz respeito à identificação da educadora e o terceiro pretende conhecer a sua conceção sobre o papel das famílias no jardim de infância. Já no guião da entrevista aos familiares, o segundo bloco pretende conhecer a interação entre a família e o jardim de infância e o terceiro pretende conhecer a importância da participação das famílias nas atividades desenvolvidas em jardim de infância. Por fim, o guião de entrevista às crianças tem como segundo bloco conhecer a opinião das mesmas sobre a participação da família no jardim de infância. Já os outros três aspetos que constituem o guião, servem para orientar a entrevista em direção à temática inerente a esta investigação, dos quais, os objetivos, que estão presentes para que seja possível conseguir alcançar os dados pretendidos, as questões orientadoras que dizem respeito às perguntas que poderemos fazer e, por fim, as perguntas de aferição que são utilizadas apenas quando o entrevistado não alcança o que é pretendido ou não o explica da melhor forma.

Em relação às entrevistas aos familiares das crianças, estas foram realizadas à medida que as atividades iam sendo concretizadas, ao passo que a entrevista à

educadora foi realizada no início da intervenção. Já o grupo focal foi realizado no fim de toda a intervenção das famílias, de forma a dar oportunidade a todas as crianças de dar a sua opinião relativamente ao que aprenderam e quais os tipos de atividades que gostaram mais e menos. O seu registo foi feito com o auxílio de um gravador áudio, com a autorização dos entrevistados. A utilização deste equipamento permite registar integralmente toda a entrevista, de forma a que o entrevistador tenha mais liberdade para a dinamizar. Posteriormente, foi realizada a transcrição das entrevistas, existindo uma certa transformação do discurso, atendendo a que se trata da passagem de um discurso oral para um discurso escrito, em formato de texto (Esteves, 2008).

De modo a realizar a análise de conteúdo das entrevistas, procedeu-se a uma categorização, que diz respeito a uma codificação do texto em diversas categorias que podem ser decifradas tanto no modo narrativo, como reduzidas a tabelas ou quadros. É pretendido, desta maneira, reduzir o texto com o intuito de identificar e a codificar as unidades de análise (Esteves, 2008). Na presente investigação os conteúdos das entrevistas foram organizados em diversas categorias, sendo estas construídas de forma indutiva, possibilitando assim fazer um esboço de um mapa conceptual das áreas temáticas e ainda do sistema de categorias, através do guião (Amado, 2017).

O texto espalhado pelas diversas categorias, permitiu adquirir um novo agrupamento de dados e, deste jeito, conhecer outras opiniões que até então não eram visíveis. Este processo implica muita atenção e sucessivas revisões. Posteriormente, é fundamental não só definir e hierarquizar os temas, desde as categorias passando para as subcategorias e, eventualmente, alguns indicadores, mas também rever, reformular e aperfeiçoar o mapa conceptual (Amado, 2017). Com as fases concluídas, a matriz ficou, nesse momento, organizada em categorias, subcategorias, indicadores e unidades de registo (apêndice V, VI e VII).

Em simultâneo, mobilizou-se um outro instrumento de recolha de dados, de utilização permanente, designado de diário de bordo. O diário de bordo permitiu registar notas de campo como opiniões, sentimentos e interpretações, através das experiências e da observação do próprio contexto de investigação (Amado, 2017), sendo fundamental ter em linha de conta que todos os registos efetuados devem estar devidamente datados e referenciados no que diz respeito aos intervenientes (Esteves, 2008). O diário é um recurso metodológico fundamental devido ao seu potencial e à

sua riqueza, tanto descritiva como interpretativa e reflexiva (Esteves, 2008). O mesmo foi utilizado sistematicamente com o intuito de anotar as conversas e as opiniões, tanto entre adultos, onde estão abrangidas as famílias e a comunidade educativa, entre crianças, ou entre adultos e crianças. Essas notas são fundamentais porque conseguem captar a opinião da comunidade em geral sobre todo o percurso desta investigação, de forma única e respeitando na íntegra a linguagem e as ideias de cada pessoa.

Neste capítulo apresentaram-se e justificaram-se as opções metodológicas. Caracterizou-se a natureza da investigação realizada, deu-se nota da questão de partida e dos objetivos específicos definidos. Procurou-se elucidar as técnicas e os instrumentos de recolha de dados construídos, bem como do tratamento e análise da informação recolhida.

CAPÍTULO 4 – INTERVENÇÃO

Neste capítulo, apresenta-se descrito a análise da entrevista realizada à educadora, com o objetivo de compreender as estratégias utilizadas, com o propósito de promover a relação jardim de infância e família. No seguimento deste capítulo surge, ainda, a planificação de toda a intervenção e, posteriormente, descrevem-se, detalhadamente, as atividades e as estratégias realizadas com a finalidade de estabelecer uma maior articulação entre o jardim de infância e a família.

Análise da entrevista à educadora

Antes de iniciar o projeto, foi necessário realizar um diagnóstico para conhecer melhor o ambiente educativo e a relação existente entre o jardim de infância e a família. Para recolher a informação que se considerou central para a tarefa, optou-se por uma entrevista com a educadora cooperante, de forma a identificar as estratégias que poderiam proporcionar uma aproximação das famílias ao jardim de infância ou, dito de outra forma, que facilitassem o acercamento, a participação e a intervenção das famílias no processo educativo das suas crianças. A sua realização permitiu refletir e facilitou, de modo significativo, a elaboração do projeto de intervenção e as suas diferentes etapas.

A entrevista foi sujeita a análise de conteúdo de que resultaram duas categorias, identificadas como “Perfil da educadora” e “Relação com a família”. A primeira categoria diz respeito ao percurso académico e ao trajeto profissional da educadora, já a segunda categoria está dividida em três subcategorias designadas de “Importância da família”, “Participação no jardim de infância” e as “Reuniões”, na qual se analisa não só a importância da família na educação mas também no jardim de infância, as estratégias que a educadora mobiliza para aproximar as famílias ao jardim de infância, como as mesmas colaboram e qual o seu grau de envolvimento, bem como as reuniões de início e final de ano e as trimestrais.

Na primeira categoria, o perfil da educadora, traça-se o percurso académico, onde a própria discorreu sobre a realização da sua formação, inicialmente em Trás-os-Montes e depois a conclusão em Coimbra, em 1992 e, posteriormente, a frequência do Curso de Formação Complementar, na Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), concluído em 2006. Na segunda subcategoria, trajeto profissional, descreve e reflete sobre as instituições educativas onde desenvolveu a sua atividade profissional

ao longo dos seus 27 anos na profissão, bem como se detém na análise da atual instituição onde trabalha, coincidindo, em certos aspetos, com a análise já realizada no capítulo 2 do presente trabalho.

Realmente relevante para a tarefa a realizar, a segunda categoria, “Relação com a família”, é apresentada de imediato, analisando-se subcategoria a subcategoria, explicitando-se indicadores e unidades de registo, de modo a permitirem uma análise crítica e tão detalhada quanto possível.

Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo
Importância da Família	- Educação	O papel da família é muito importante. O projeto é pensado com as crianças em função dos seus interesses e claro a família está incluída também. Porque o jardim-de-infância e a família são dois contextos educativos que contribuem para a educação da criança, e porque a família é o principal responsável pela educação dos seus filhos, aos pais assiste o direito de conhecer, seleccionar e colaborar ativamente na resposta educativa que desejam para os seus filhos.
	- Jardim	A colaboração dos pais, o contributo que dão com os seus saberes e competências, é uma forma de alargar e de enriquecer os contextos de aprendizagem que proporcionamos às nossas crianças. O papel dos pais enquanto fonte de informação para nós educadores é muito importante. Conhecer a realidade familiar da criança e trabalhar com os pais, é uma experiência enriquecedora para todos. A divulgação da Casa da Criança, funciona muito por transmissão de pessoas para pessoas, porque tiveram aqui os filhos, gostaram, sentiram confiança, transmitem aos outros. Não é uma casa que tenha divulgação na imprensa, ou que haja outro tipo de apresentação para o exterior. Chegam aqui muitas pessoas que dizem que não sabiam que existia aqui, um jardim de infância. Como não existe divulgação via imprensa, é muito por boca, por conhecimentos, de amigo passa a amigo. O trabalho com pais é muito importante e acho que envolver os pais e sentir que os pais estão

	<p>envolvidos é uma mais-valia para qualquer jardim de infância, e se eles sentem essa confiança, sentem o à-vontade de entrar nas salas, em ver os trabalhos dos filhos, e existe essa confiança, saber o que se passa com os filhos, o que estão a aprender, o que estão a vivenciar é importante. Esta cumplicidade, este envolvimento é para nós gratificante, na medida em que os pais se tornam muito mais confiantes, porque também conhecem melhor o nosso trabalho, tornam-se mais cúmplices, enfim mais felizes o que faz com que o nosso trabalho seja de maior qualidade.</p> <p>Pais mais felizes, uma equipa motivada e crianças envolvidas, são para nós sinónimo de um contexto de alta qualidade que foi, é, e será sempre o objetivo que pretendemos alcançar.</p>
--	--

Tabela 1 - Recorte da subcategoria "Importância da Família"

Na presente subcategoria, “Importância da família”, fica expressa a opinião da educadora relativamente ao papel da família não só na educação, mas, de igual modo, no jardim de infância. Em linha com a literatura, sustenta que a família é fundamental na educação dos filhos, muito especialmente os pais, dado que são os primeiros e principais responsáveis pelas crianças (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). Destaca também o direito que os pais têm, de participar mais ativamente no jardim de infância, contribuindo para a educação das crianças. Desta forma, devido ao facto de ambos contribuírem para a sua educação, a mesma deve ser partilhada (Simões, 2009).

No indicador da “educação”, a educadora considerando o jardim de infância e a família como ambientes educativos, destaca, em linha com Palos (2002), que o seu principal objetivo é a tarefa de educar e instruir a criança.

Já no indicador “Jardim”, é de mencionar a importância que a educadora atribui à colaboração das famílias, pois contribuem com os seus saberes e competências, enriquecendo os contextos de aprendizagem que o jardim de infância oferece. Família e jardim devem ser entendidos como uma parceria, em articulação mútua, recusando, a educadora, a visão da substituição de uma pela outra (Fernandes, 2011). Considera mesmo essencial que exista uma cooperação e uma complementaridade, rumando no

mesmo sentido, apresentando denodo e empenho, aprendendo a trabalhar em parceria (Marques, 2001).

Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo
Participação no Jardim de Infância	- Estratégias de incentivo à colaboração	<p>O projeto é apresentado aos pais no início do ano letivo. São incentivados a participarem da vida e projetos da escola, ou melhor, no processo educativo. Seja através da participação em atividades diretas no jardim de infância, seja no exterior ou no trabalho deles. O papel da família tem, que ser perspetivado no sentido de um maior envolvimento com o jardim-de-infância. Criamos pontes de comunicação, de diálogo entre todas as famílias e a Casa da Criança, cujo interesse reverte, a favor da criança.</p> <p>Através da comunicação diária informal; das reuniões individuais de pais; das reuniões gerais de pais; das festas com a participação das famílias; e da colaboração das famílias nas atividades pedagógicas.</p> <p>Incentivando e convidando em situações específicas, por exemplo, na apresentação do projeto ficam sempre os registos e interesses dos pais e as suas expectativas e também se gostariam de participar e como. No desenrolar do projeto, ou entro em contacto direto com eles ou através dos recados pelos filhos. Normalmente peço a colaboração dos pais para em casa realizarem um trabalho com os filhos (seja na recolha de informação, pesquisa, ou conforme os assuntos, um trabalho em plástica). Este ano pedimos a colaboração dos pais para escolherem ou fazerem com os filhos um poema relacionado com cada estação do ano, que depois foi trabalhado em grupo. Normalmente todos os anos pedimos a colaboração dos pais. O ano passado pedimos a ajuda dos pais na procura de lendas, noutros anos foi através de livros e revistas. Há sempre um intercâmbio e uma convivência, mesmo que não seja intensa, constante, como foi estas semanas com as atividades das famílias, vêm espaçadamente quando podem. Neste grupo já participaram diretamente, o pai da criança 9, o pai da criança 15, a mãe da criança 20, a mãe da criança 3 e a mãe da criança 21. Há outros que manifestaram o desejo de participar, mas os horários são complicados para eles.</p>

<p>- Como colaboram</p>	<p>Quando eles não podem vir às reuniões, eu costumo enviar por email o resumo da reunião e os pontos tratados. Não vejo que haja falta de interesse, vejo é que muitas vezes é falta de disponibilidade.</p> <p>Normalmente os pais colaboram, dão sugestões, há sempre um ou outro que nas reuniões não se manifesta, mas mais tarde apresenta as suas sugestões e o desejo de participar. E gostam, gostam muito. Há pais que não têm disponibilidade, é muito difícil, os horários não são compatíveis com os horários do jardim de infância, mas normalmente manifestam sempre interesse em participar, e gostam.</p> <p>As atividades que promovem? Depende muito, com este grupo foi muito variado. Talvez seja mais usual, contar histórias, a culinária, mas no caso deste grupo foi tudo muito diferente. Há pais mais ligados ao desporto e aí acontece outro tipo de atividades, mas é mais frequente contarem histórias.</p>
<p>- Grau</p>	<p>É variável, há anos em que participam mais do que outros. Depende essencialmente da disponibilidade dos pais. Pais mais disponíveis, mais contribuem com a sua participação. Alguns não participam porque não se sentem à vontade, pois os que são mais reservados sentem mais dificuldades. Mas participam muito, nem que seja nas festas, e isso é outro tipo de participação dos pais na escola, mas que também é muito importante, pois permite uma relação mais estreita entre famílias e família/educadora.</p> <p>Cada vez mais, nos dias de hoje. Às vezes não conhecemos o pai, pois vem uma vez num ano ou duas, mas é por questões mesmo de trabalho, não é de falta de ligação por vontade. Pelo facto de trabalharem fora, só veem ao fim de semana, e é difícil.</p> <p>Propriamente estratégias para eles virem mais ao jardim de infância, eu não posso dizer que tenha razão de queixa, que eles não venham, porque os que não vêm eu sei porque é que não vêm, e normalmente nas reuniões praticamente estão todos presentes, e se não está pai e mãe, está um representante.</p>

Tabela 2 - Recorte da subcategoria "Participação no Jardim de Infância"

A subcategoria “Participação no jardim de infância” é relevante para a intervenção, na medida em que através das estratégias utilizadas pela educadora foi possível delinear outras e proporcionar atividades e momentos que cativassem os familiares.

O indicador “Estratégias de incentivo à colaboração” corresponde à descrição, pela educadora, de um conjunto de estratégias que habitualmente mobilizava, tais como a comunicação, recorrendo a diálogos informais e a reuniões, individuais ou gerais, a participação das famílias em festas e em atividades pedagógicas – e.g., a colaboração das mesmas na realização de alguns trabalhos –, nomeadamente, a pesquisa e a recolha de informação com as crianças. Outra das estratégias que usa quando os pais não conseguem comparecer a reuniões é enviar por mail uma síntese abordando os pontos tratados, validando assim a posição de Matos (2012), com o objetivo de envolver os que não tiveram oportunidade de estar presentes.

A primeira estratégia mencionada é fundamental, na medida em que a comunicação é a chave do envolvimento dos pais (Marques, 2001), pois facilita a relação de confiança (Silva et al., 2016) e, desta forma, se for praticada, deixa a família mais disponível a participar na vida dos filhos no jardim de infância.

Segundo o indicador “Como colaboram”, é perceptível observar que as atividades mais usuais são a culinária e a narração de histórias, no entanto, como declara a educadora cooperante, existe sempre muita variedade de momentos que são proporcionados. Apesar de ser cada vez mais visível o seu envolvimento, a educadora não deixa de afirmar, corroborando Silva et al. (2016), que existem dois obstáculos, pois se, por um lado, subsiste a incompatibilidade de horários dificultando os momentos de relação entre a família e o jardim de infância, por outro, existem pais que não se sentem à vontade para o fazer. Para que esta participação seja cada vez mais frequente e as famílias não se tornem invisíveis, como demonstra a literatura (Silva, 2002), é fundamental não só que colaborem com algo que querem fazer (Magalhães, 2007), mas também que sintam esta participação como desejada, útil e vantajosa para o desenvolvimento da criança (Fernandes, 2011).

Subcategoria	Indicadores	Unidades de Registo
Reuniões	- Início de ano	São muito importantes. Na primeira reunião, eles estão sempre ansiosos e na expectativa do que é que os filhos vão vivenciar durante o ano letivo e essa reunião é sempre importante, também para perceber o lado dos pais, a expectativa deles, se gostam do projeto, se o projeto tem interesse, é sempre importante.
	- Trimestrais	Para além das reuniões de início e de final de ano, e das reuniões individuais de avaliações trimestrais, existem as reuniões individuais. No horário semanal, existe uma hora, para receber os pais, em que eles podem marcar uma reunião comigo sempre que precisarem.
	- Fim de ano	No final o feedback do que foi feito, o que é que os filhos vivenciaram/ aprenderam. Acho que é importante, muito importante. As reuniões são sempre importantes, para melhor compreender o contexto em que a criança se insere.

Tabela 3 - Recorte da subcategoria "Reuniões"

Nesta subcategoria, “Reuniões”, podemos ter a perceção da importância que lhes atribui a educadora cooperante, afirmando que servem para divulgar e avaliar o trabalho pedagógico junto das famílias (Matos, 2012).

A educadora explicita os momentos das reuniões, consubstanciados nos indicadores: “Início de ano”, “Trimestrais” e “Fim de ano”. Na entrevista dá nota que, tanto na reunião inicial como na final, tem como objetivos compreender o lado dos pais e das famílias, bem como conhecer o seu *feedback*, permitindo-lhes exporem opiniões, expectativas e dúvidas (Silva et al., 2016), na medida em que, como sublinha Guzman (2012), para promover a participação é necessário escutar e ser escutado.

Para que as reuniões tenham êxito, é fundamental que as mesmas sejam ricas, regulares e diversificadas e decorram de forma harmoniosa e equilibrada, recordando sempre que é primordial agir de acordo com as características do espaço, da equipa, das crianças, das famílias e da comunidade e, ainda, no respeito sobretudo pelos hábitos, costumes, crenças e tradições (Matos, 2012).

Planificação da intervenção

Como já foi abordado no capítulo 3, este estudo surgiu com a necessidade de perceber como era a relação entre o jardim de infância e a família e como esta poderia ser melhorada. Inicialmente foi pensado proporcionar diversas atividades, tanto desenvolvidas por mim, como pelas famílias, acompanhadas pela implementação de um conjunto de estratégias.

A realização de atividades pelas famílias foi pensada com o objetivo nuclear de aproximar mais as famílias, as crianças e a equipa educativa, dando a possibilidade de se adequarem de acordo com o seu horário de trabalho e deixando ao seu critério a escolha da atividade com que desejavam participar. Na minha esfera de ação, o livro da família esteve como finalidade criar um ambiente propício para que o grupo de crianças proporcionasse uma surpresa aos familiares, reforçando o sentido de partilha.

Para acompanhar o projeto mobilizei, como estratégias, um placar das atividades e narrativas de aprendizagem. O primeiro tem como preocupação central a partilha do desenvolvimento da intervenção, com toda a comunidade educativa, com o intuito de criar um ambiente de confiança e autoestima que estimulasse e incentivasse os familiares a intervirem e a participarem. Já as narrativas de aprendizagem permitem dar a conhecer aos familiares o processo de aprendizagem da criança. Finalmente, a caixa de sugestões, foi construída com a finalidade de recolher a opinião das famílias sobre quais as atividades que gostariam de ver desenvolvidas.

Como tudo começou

A divulgação do projeto que elaborei, em conjunto com a minha colega de estágio e as crianças do grupo azul, através de um pequeno teatro para as famílias, constituiu o despoletar do meu interesse e serviu para iniciar este projeto de investigação. Para encetar a tarefa, redigi uma carta, onde constava a minha apresentação e na qual abordava finalidade do projeto – criar condições para melhoria da relação entre o jardim de infância e a família – e convidava as famílias a participarem não só na divulgação do teatro dedicado aos Descobrimentos, mas igualmente naqueloutro que é objeto neste relatório final (Apêndice I). Adiante-se, de resto, que a participação no teatro dos descobrimentos foi muito positiva, uma vez que

a flexibilidade de horários possibilitou que todos os familiares conseguissem marcar presença, deixando o grupo muito entusiasmado.

As intervenções das famílias das crianças

Para se inteirar, de forma simplificada, sobre o conjunto de atividades realizadas no âmbito do projeto, identificando quem realizou a intervenção, em que consistiu a atividade e quando ocorreu, consulte-se a tabela 1. Como se pode constatar, obteve-se a participação de seis familiares com diversas atividades, sendo elas sobre o Brasil, a Índia, uma música, experiências diversas, magia e uma história. Para que estas fossem possíveis, a data e o tipo de atividade foi flexível, na medida em que a escolha do dia, da hora e do tipo da intervenção, era da exclusiva responsabilidade dos familiares.

Familiars	Atividade	Data
Mãe da criança 3	Brasil	03/05/2018
Prima da criança 1	Índia	04/05/2018
Pai da criança 9	Música	10/05/2018
Mãe da criança 20	Experiência	18/05/2018
Mãe da criança 17	Magia	11/07/2018
Mãe da criança 4	História	18/07/2018

Tabela 4 - Calendarização das Atividades

A primeira atividade foi realizada pela mãe da criança 3, com o intuito de aprofundar o percurso de vida de Pedro Álvares Cabral e explicar a ligação entre Santarém e o Brasil. Realizou a apresentação socorrendo-se de um PowerPoint com várias imagens, em que à medida que estas iam passando, a mãe ia comentando. Os assuntos que foram desenvolvidos durante a apresentação consistiram na vida do navegador português no Brasil, os descobrimentos e na sua vida em santarém, local onde é homenageado através de uma estátua e onde está sepultado. Seguiram-se posteriormente algumas curiosidades como o traje, os pratos típicos e os doces tradicionais de Santarém. Foi uma atividade fundamental porque consolidou todo o

trabalho efetuado durante o projeto dos descobrimentos com a minha colega de estágio. As crianças adoraram a atividade não só porque ficaram a ter mais conhecimentos sobre a vida de Pedro Álvares Cabral, mas também porque a presença e a participação das suas famílias ou das famílias dos amigos é sempre uma mais valia. Apesar de ser uma atividade mais expositiva, em que as crianças apenas puderam ouvir e fazer algumas perguntas, as mesmas ficaram bastante atentas e curiosas sobre a temática.

Com a primeira participação sobre o Brasil, a prima da criança 1 sentiu que poderia proporcionar mais conhecimentos sobre os descobrimentos e realizou assim a segunda atividade com o grupo, mas, desta vez, sobre a Índia. Começou por solicitar às crianças que fechassem os olhos, escondendo, simultaneamente, vários cartões pela sala, com o objetivo de cada criança procurar apenas uma imagem. De seguida, deu algum tempo ao grupo para encontrarem as imagens e pediu que à medida que a encontrassem, a guardassem para, posteriormente, com todas as imagens encontradas, dissessem o que achavam que lhes tinha calhado. Por fim, a familiar da criança 1 disponibilizou um cartaz com o objetivo de construir uma história apenas com as imagens encontradas, sem o auxílio de palavras ou frases. As diversas imagens tinham alguns instrumentos de navegação, mapas, caravelas, naus, entre outras. Esta atividade foi muito dinâmica e, por isso mesmo, foi visível o empenho que as crianças demonstravam na procura das imagens e na construção da história. O facto de a prima da criança 1 ter proporcionado um momento ativo em que as crianças eram o foco, fez com que o envolvimento fosse total.

A atividade de música, realizada pelo pai da criança 9, proporcionou às crianças algumas atividades musicais, mais especificamente, três canções e um jogo. Inicialmente, acompanhado de um piano, deu a possibilidade ao grupo de o experimentar e, em seguida, começou a ensinar três canções, intituladas de “Olá, Olá”, “Amigo” e “Girassol”. De forma a facilitar a aprendizagem das crianças, o pai começou por ensinar frase a frase e, posteriormente, a quadra toda. Nesta iniciativa as crianças ficaram muito curiosas para experimentar o piano e muito envolvidas e participativas na aprendizagem das canções, fortalecendo a interação entre o adulto e as crianças. Já no jogo, o pai solicitou que andassem livremente pela sala ao ritmo da melodia do piano e, quando parassem, teriam de permanecer em estátua até a música

voltar. Para ter vários níveis de dificuldade, explicou que quando tocassem sons agudos, as meninas moviam-se pelo espaço enquanto os rapazes permaneciam em estátua e, quando fossem sons graves era suposto realizarem o inverso. Os objetivos do jogo passavam não só por enriquecer a imaginação das crianças através da diversidade dos sons, mas também por proporcionar a vivência corporal da música, deixando a criança criar e interpretar através do escutar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). Esta atividade foi dinâmica, na medida em que o jogo esteve diversos graus de dificuldade, possibilitando às crianças um momento de interação entre elas, sendo visível o seu envolvimento do início ao fim.

A atividade realizada pela mãe da criança 20, consistiu em desenvolver quatro experiências com a finalidade de proporcionar diversos momentos de aprendizagem em que tivessem a possibilidade de observar a libertação do dióxido de carbono. Inicialmente a mãe começou por explicar quais as experiências que tinha pensado executar e quais os ingredientes necessários para a sua realização. É de salientar que com o seu auxílio, as crianças foram implicadas nas experiências, na medida em que foram as próprias, a juntar os ingredientes e assim formar o resultado final. Para concretizar a primeira experiência, designada de vulcão, foram utilizados diversos materiais como o corante alimentar, detergente da loiça, bicarbonato de sódio, limão, uma caixa de plástico retangular, um copo pequeno, um copo grande, uma espátula de plástico e uma pipeta. Para a implementar, foi necessário juntar o detergente da loiça, o corante alimentar e o bicarbonato de sódio e, posteriormente, adicionar o limão. Esta junção fez libertar o dióxido de carbono, formando assim uma erupção. Na segunda experiência, os materiais utilizados foram o bicarbonato de sódio, óleo alimentar, vinagre, água quente, corante alimentar, um copo pequeno, um copo grande e uma espátula de plástico. Esta consistiu em colocar numa garrafa água, corante, óleo e vinagre e adicionar por fim o bicarbonato de sódio. Esta adição fez com que o dióxido de carbono fosse libertado. Para a terceira experiência utilizámos um balão, bicarbonato de sódio, vinagre, uma espátula de plástico, um funil e ainda uma garrafa de plástico vazia. Nesta era pretendido colocar vinagre numa garrafa e com o auxílio de um funil colocar bicarbonato de sódio no balão vazio. Ao colocar o balão no gargalo da garrafa, os dois ingredientes juntam-se, o balão começa a encher e libertam o dióxido de carbono. A quarta experiência consistia em fazer espuma com clara de ovo

e, para isso, os materiais necessários foram o bicarbonato de sódio, corante alimentar, um ovo (apenas a clara), vinagre, água, uma taça grande, um copo alto, um copo de medição pequeno, uma espátula de plástico e uma pipeta. Neste caso, tratou-se de juntar uma clara de ovo, água, corante, bicarbonato de sódio num copo, e, só por fim, o vinagre. Este é o resultado da reação entre o bicarbonato de sódio e o vinagre, que liberta o dióxido de carbono. Estas experiências têm o dióxido de carbono em comum e, por esse motivo, a mãe da criança 20, optou por abordar a temática do meio de ambiente com o grupo através de um pequeno diálogo. No que respeita às experiências, as crianças estavam entusiasmadas e envolvidas devido ao facto de terem sido elas a juntar os ingredientes, fazendo com que estivessem implicadas na atividade. Já no que concerne ao pequeno diálogo, apesar de ser mais expositivo, as crianças estavam atentas e curiosas sobre a temática do dióxido de carbono e do meio ambiente.

A atividade da magia, realizada pela mãe da criança 17, consistiu em fazer quatro truques de magia com o grupo e, de seguida, contar uma história designada de “Alfredo, os teus dentes metem medo”. Durante a atuação de magia e a apresentação da história, a mãe conseguiu interagir da melhor forma com o grupo e, por essa razão, o envolvimento das crianças evidenciava sinais plenos de contentamento e de satisfação.

A última atividade foi realizada pela mãe da criança 4 que proporcionou a todos os grupos da instituição e à equipa educativa a possibilidade de ouvir uma história designada de “O Palhacito do Nariz Azul”. Esta história descreve a vida de um menino chamado João que queria ser palhaço e só conseguia fazer malabarismo com 7 estrelas. Ele não tinha muitos amigos, apenas um gatinho de olhos azuis que com as suas lágrimas conseguia fazer o tom azul para pintar o seu nariz. Um dia foi à feira assistir a um truque de magia de três meninos, mas todos o gozaram por pintar o seu nariz de azul, pois todos os palhaços pintam o nariz de vermelho. Quando estava a chegar a casa, conheceu uma menina chamada Raquel, que o valorizou e disse que o facto de não ter o nariz vermelho o fazia diferente, uma pessoa especial e que por isso não precisava de ter vergonha. Com esse obstáculo ultrapassado, começou a fazer truques de magia para a nova amiga até que os palhaços que o gozaram, atraídos pelas gargalhadas, assistiram aos truques e aplaudiram dizendo que eram fantásticos. Os meninos disseram que o truque de magia que apresentaram na feira designava-se de

número oito, porque se o deitarem, ele representa o infinito, e por isso é que os palhaços, mesmo quando estão tristes, sorriem sempre, pois o seu sorriso não tem princípio nem fim. O João ficou emocionado e com as lágrimas que apanhou, a Raquel fez três azuis diferentes para os narizes dos meninos, um significava a coragem, outro a ternura e outro a solidariedade, representando uma qualidade do João, para que estes palhacitos nunca mais o esqueçam. A partir desse dia, o João com a força da amizade conseguiu juntar a oitava estrela ao seu número de malabarismo. É de salientar que a história referida foi criada e elaborada pela própria mãe. Depois foi disponibilizado o material necessário, colocado um rolo de papel de cenário no chão e alguns marcadores de diversas cores, para que as crianças que pretendessem, desenhassem e pintassem as personagens da história. Relativamente à história, o grupo, em geral, mostrou curiosidade e manteve o seu interesse do início ao fim da narração. Já na construção das personagens, foi visível o envolvimento das crianças que quiseram participar, desenhando as várias personagens que tinham aparecido na história, bem com os respetivos cenários.

As atividades tiveram muita receptividade dos familiares não só com o auxílio das crianças, que através de uma conversa com as famílias, pediram que participassem, “Nem estava para vir, mas a minha filha chateou-me para vir fazer uma experiência com o grupo.” – confidenciou um pai –, mas também através do diálogo que se manteve com os familiares, foi possível constatar algum entusiasmo – e.g., “Sim claro que quero fazer, vou só pensar nas opções.”, “Sim vou só preparar a atividade e virei com todo o gosto.” ou “Estou disponível, desde que seja marcada antecipadamente.”. Apesar da flexibilidade da parte do Jardim, alguns dos familiares não conseguiram ultrapassar o obstáculo do horário de trabalho, frisando o gosto que teriam em participar, mas que estavam indisponíveis em função do horário de trabalho – e.g., “Gostava muito, mas é impossível conciliar com o meu horário.”; “Vou só tentar conciliar com o meu horário de trabalho.”.

Estratégias de acompanhamento

Designam-se por estratégias de acompanhamento, aquelas que seguiram todo o desenvolvimento da intervenção, por outras palavras, aquelas que consistiram nos procedimentos que foram utilizados desde o início da intervenção até ao seu término.

A primeira estratégia equacionada e operacionalizada foi o placar das atividades e, este pretendia expor perante a comunidade educativa os momentos proporcionados pelos familiares nas suas intervenções. Após cada intervenção afixava-se no placar uma folha composta por um pequeno texto, com o objetivo de esclarecer quem a proporcionara, qual o tipo de atividade, diversas expressões das crianças ditas no decorrer da mesma e, ainda, algumas fotografias (Apêndice VIII). Esta estratégia correu muito bem porque, segundo um familiar, todos conseguiram ter acesso: “Tanto as famílias como a equipa técnica e até mesmo as crianças conseguem acompanhar o que se tem feito, porque tem um pequeno texto, mas sempre com fotos”. Alguns consideraram mesmo uma boa estratégia – e.g. “Que giro”, “Gosto muito desta estratégia”, e “Gosto muito desta ideia de expor assim as atividades”: De igual modo, as crianças também tiveram acesso ao que foi feito – “Mostrei estas atividades à minha mãe e ela vem cá”. O placar acabou, mesmo, por despoletar interesse num familiar que ainda não tinha participado, como nos confessou o familiar da criança X, expressando que “não estava para fazer atividades, mas já que vi aqui alguns exemplos, quero marcar uma data”.

Como foi referido no início deste capítulo, uma outra estratégia mobilizada consistiu nas narrativas de aprendizagem. As narrativas são instrumentos de avaliação, utilizadas para descrever o processo de aprendizagem de uma criança, permitindo que haja conexão entre o jardim de infância e as famílias. Este tipo de estratégia é considerado eficaz na medida em que revela como a criança lida com desafios, resolve os conflitos e persiste (ou não) nas dificuldades (Goodsir & Rowell, 2010). Ao observar diariamente todas as crianças, elaborei quatro narrativas e enviei às famílias para que tivessem conhecimento e dessem a sua opinião. A primeira narrativa dizia respeito a uma criança que estava com dificuldade em apertar os atacadores e uma colega, ao observar esse embaraço, ajudou-a. A segunda consistiu na perseverança e no foco em aprender a desapertar o seu primeiro botão. Já a terceira narrativa baseou-se na justiça e equidade quando uma criança reparou que a outra queria jogar e estava triste por não ter um *beyblade*¹, oferecendo o seu com o intuito de dar a possibilidade de todos jogarem. Por fim, a última aconteceu quando num jogo da glória, uma criança

¹ Bleyblade: é um pião usado em batalhas numa pequena arena; brinquedo.

reparou que a colega não sabia jogar e, perante essa dificuldade, ajudou-a e ensinou-lhe qual o intuito do jogo. Esta estratégia não correu da melhor forma, na medida em que não recebi de volta nenhum comentário dos familiares, não tendo por isso os resultados que expectei (Apêndice IX). Penso que este fracasso, se deveu ao facto de apesar de esta estratégia ter sido utilizada durante a intervenção, apenas as ter enviado já no final do tempo, num momento em que algumas das crianças entraram de férias nesse preciso dia.

O dia da família

O dia da família aproximava-se e uma vez que o presente relatório final aborda essa temática, optei por fazer algo com as crianças para comemorar esse dia. Em conversa com a educadora, apercebi-me que para celebrar esse dia, os familiares iam estar presentes no jardim de infância para pequenas atividades. Através de várias pesquisas, deparei-me com um livro sobre a temática, tendo como finalidade dar a conhecer os diversos tipos famílias, sendo elas numerosas, mais pequenas, de cor, contudo todas diferentes, mas todas iguais, pois todas as famílias são especiais. O livro era composto por 25 páginas, e, desta forma, sendo 21 crianças cada uma escolheu a que queria, ficando responsável por decorá-la como quisesse e através da ilustração e com o meu auxílio, conhecer e saber a frase que estava escrita. Com as páginas decoradas, preparámos a apresentação em pequenas sessões, posicionando as crianças por ordem, consoante as páginas do livro. Depois deste passo, foi solicitado ao grupo que, à medida que iam dizendo a sua frase, virassem essa página para, no final da apresentação, o livro ficar evidenciado. No dia 15 de maio de 2018, na abertura da festa, a apresentação constituiu uma surpresa para todas as pessoas presentes. Posteriormente, foi inserido no livro a última página, com a assinatura de todas as crianças que participaram. O mesmo foi construído e colocado à entrada da instituição para que toda a comunidade tivesse a oportunidade de o ver.

O entusiasmo e o envolvimento das crianças durante a construção do livro foi perceptível, através de alguns comentários como “Quero aprender essa história”, “Eu quero ficar com esta frase” ou estoutro, “A imagem que gosto mais é esta” ou “Quero muito pintar a minha página do livro”. Mostraram-se, igualmente, muito determinadas em decorar a frase para apresentar aos familiares dizendo “Já sei a frase que tenho de

dizer” e “Os meus pais não sabem da surpresa, mas eu estive a ensaiar ontem no meu quarto a frase”. Relativamente à atividade realizada, a opinião das crianças foi muito positiva, expressando mesmo essa perceção – e.g., “Eu gosto muito desta surpresa”, “Esta surpresa é divertida” e “As famílias vão gostar muito”.

A caixa das sugestões

A Caixa das sugestões tinha como finalidade, como o próprio nome indica, as famílias darem sugestões de atividades que gostariam que fossem desenvolvidas com o grupo. A caixa foi colocada durante uma semana à entrada da instituição para que fosse visível e de fácil acesso, com um pequeno texto a acompanhar explicando o seu objetivo. Junto da caixa disponibilizou-se um bloco e uma caneta para facilitar aquele ou aquela que tomasse a iniciativa de partilhar a sua opinião. Na caixa, recebi apenas dois papéis em que diziam “Fazer mais convívios entre a escola e a família. Teatros em que ambos participem. Mãe do C7” e “Ter mais cuidados com a voz. Fazer brincadeiras para saberem usar a voz. Ex: Voz de rua. Voz de casa.”. Esta estratégia não foi tão bem-sucedida, na medida em que não tive muita receptividade das famílias para a mesma. Este fracasso deve-se ao facto de ter tido pouca divulgação, uma vez que coloquei a caixa das sugestões, com o cartaz a explicar, mas apenas dialoguei com algumas famílias incentivando-os a participar e sugerir atividades.

Em síntese, neste capítulo analisou-se a entrevista feita à educadora e descreveu-se criticamente, em termos mais ou menos genéricos, o decurso da sequência didática, explicando como tudo começou, quais as atividades realizadas, por quem e no que consistiram. Simultaneamente, deu-se nota de algumas estratégias de acompanhamento, naturalmente utilizadas ao longo de toda a intervenção, bem como outras decorrentes das primeiras atividades, procedendo à sua análise crítica, isto é, avaliando a sua adequação e buscando razões para o seu menor sucesso.

CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS ÀS FAMÍLIAS E ÀS CRIANÇAS

Neste último capítulo procede-se à apresentação e análise dos resultados recolhidos com as entrevistas semiestruturadas realizadas aos familiares que participaram nas atividades, bem como das entrevistas de grupo focal com as crianças. A apresentação e análise de dados tem por base as duas matrizes de redução de dados elaboradas a partir da análise de conteúdo.

Análise das entrevistas às famílias

Da análise das entrevistas realizadas às famílias resultou uma matriz de redução de dados que se encontra dividida em 4 categorias, designadas de “Atividades”, “Crianças”, “Participação da Família” e “Papel da Estagiária”.

A primeira categoria apresenta três subcategorias que dizem respeito ao desenvolvimento, ao sentimento e à ansiedade experimentada perante a atividade. A segunda categoria organiza-se em três subcategorias que pretendem dar a conhecer o envolvimento, a aprendizagem e o comportamento das crianças. Já a terceira categoria divide-se em duas subcategorias, as quais se referem à importância da participação da família e à relação entre a família e o jardim de infância. Por fim, a quarta categoria centra-se no papel da estagiária e o seu contributo tanto para as famílias como para as crianças.

A análise permitiu, primeiramente, a elaboração de um mapa conceptual que nos oferece uma análise global das narrativas das entrevistas conduzidas aos familiares e que está na base da matriz de redução de dados.

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Atividades	Desenvolvimento	
	Sentimento	
	Ansiedade	Positivo Negativo
Crianças	Envolvimento	
	Aprendizagem	
	Comportamento dos familiares	Entusiasmo Timidez Casa Distraído

Participação da família	Importância	Satisfação da criança Desenvolvimento Enriquecer
	Relação escola-família	
Papel da estagiária		

Tabela 5 - Mapa Conceptual

Na sequência, apresenta-se subcategoria a subcategoria, a referida matriz, concretizando as falas dos familiares ou, quando se considerou pertinente, procede-se à apresentação de indicador a indicador.

- **1º Categoria**

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
Atividade	Desenvolvimento	<p>Bem, apenas houve alguns problemas técnicos, que poderia ter sido desenvolvido de uma outra forma, mas muito bem, porque eles estavam muito atentos. Apesar de ser um momento um pouco mais expositivo, não foi tão interativo, no sentido que eles tivessem também a colaborar diretamente, embora tivessem colaborado no fim, mas penso que foi bom. (E1)</p> <p>Foi um bocadinho, juntar mais uma peça a tudo o que eles já tinham vindo a desenvolver até aqui, nomeadamente o teatro que eles fizeram, e depois mostrar onde o Pedro Álvares Cabral morou uma boa parte da sua vida, onde é que as pessoas o podem ir ver ainda hoje, como é que isso se relaciona com o Brasil, como é que é essa interculturalidade, pois Coimbra tem uma estrutura que se liga muito a Santarém nesse sentido. (E1)</p> <p>Acho que foi se calhar uma forma diferente deles perceberem esta questão da história. Há uns dias eu falava disso com uma prima minha, que tem 16 anos, e não gosta muito de história e ela dizia que se calhar se tivesse tido atividades no infantário mais lúdicas, que ligassem a parte histórica, história de Portugal ou não, dependendo do que se</p>

	<p>queira fazer, juntamente com jogos e com atividades, se calhar o gosto dela pela história seria outro. Acho que a minha ideia foi também dizer-lhes que podemos aprender história a brincar e acho que foi esse o principal objetivo e acho que sim, é importante para eles perceber que não é só o ouvir, é também o participarem de uma forma diferente. (E2)</p> <p>Enfim, trouxe-lhes um momento espero eu que se tenham divertido (E3)</p> <p>Foi mais difícil a parte em gerir o facto de todos quererem participar, e tentar prestar uma atenção focalizada a todos. (E4)</p> <p>Foi um contributo humilde, mas daí no final querer ter feito a ponte. Vir só fazer experiências só por fazer acho que não tem muito interesse, ou melhor, tem interesse, a curiosidade é sempre muito interessante explorar, mas acho que temos sempre de tirar um denominador comum da brincadeira. Daí depois a ponte com o dióxido de carbono e com a intervenção no meio ambiente. Acho que isso fez sentido para mim e penso que para as crianças também. (E4)</p> <p>Foi fantástica. Por acaso estava com um bocadinho medo que eles dispersassem. Acho que a quarta experiência foi um erro pois já estavam no limite deles, mas foi fantástico. (E4)</p>
--	---

Tabela 6 - Recorte da subcategoria "Desenvolvimento"

A presente subcategoria diz respeito ao desenvolvimento das atividades proporcionadas pelos familiares. Enquanto as entrevistadas E1 e E4 convocam os obstáculos com que se viram confrontadas, as E2 e a E4 realçam que queriam proporcionar algo que fosse interativo e positivo para a aprendizagem das crianças. Na atividade sobre o Brasil, E1 relembra os problemas com que se debateu para iniciar a apresentação, muito em razão de um problema técnico com a *pen-drive usb*, mas refere-se, igualmente, às dificuldades com que conviveu para controlar o grupo, em virtude, no seu entendimento, de a apresentação ser, fundamentalmente, expositiva e

pouco ou nada interativa. De igual modo, mas nos antípodas, também E4 relata que experimentou algum embaraço para gerir o grupo, contudo foi pela vontade de todas as crianças quererem participar nas experiências.

A E2 destaca que o que quis transmitir e proporcionar às crianças, foi um momento interativo, lúdico, em que pudessem aprender história através do brincar e do jogo, através do participar e interagir com os materiais. Na sequência, a entrevistada E4 assegura que para além das experiências, ambas mostrando o efeito do dióxido de carbono, queria proporcionar algo mais pensado na aprendizagem e falar então do dióxido de carbono através de um diálogo, com a finalidade de os consciencializar para o meio ambiente.

Consequentemente, estamos perante duas entrevistadas, a E1 e a E4, que vivenciaram algo comum, mas com algumas diferenças, sendo que ambas sentiram muita dificuldade em controlar um grupo, por um lado, a E1 esteve dificuldade em controlar o grupo a nível de comportamento, visto ser uma atividade menos participativa e naturalmente as crianças, a partir de certa altura, estavam mais agitadas. Ao invés, a E4 sentiu apenas dificuldade em selecionar uma criança de cada vez para realizar as atividades uma vez que todos estavam muito interessados e envolvidos, querendo participar no decorrer de todas as experiências.

Já segundo as entrevistadas E2 e E4, é possível observar que apesar de terem intenção de proporcionar momentos ricos para fomentar a aprendizagem nas crianças, enquanto a E2 pretende utilizar o jogo de forma lúdica, neste caso para abordar a temática da história, mais especificamente, os descobrimentos, a E4 procurou utilizar as experiências como jogo lúdico, mas também auxiliando-se de um diálogo posterior sobre o que foi apreendido nas experiências, neste caso, o dióxido de carbono e o que pode provocar no meio ambiente.

A E1 adianta ainda que a sua participação foi o juntar o útil ao agradável, isto é, associar àquilo que as crianças já sabiam através do projeto com a minha colega de estágio, alguns aspetos relevantes, nomeadamente, onde morou Pedro Álvares Cabral e que ligação tinha a Santarém.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Atividade	Sentimento	Satisfação	<p>Senti-me bastante bem, sim. (E1)</p> <p>Gostei muito, é sempre muito gratificante perceber como eles recebem tão bem tudo aquilo que as pessoas querem ensinar e mostrar, foi muito bom. (E1)</p> <p>Sim gostei muito. Eu tenho algum jeito para crianças, mas nunca tinha feito uma atividade para crianças tão pequenas, e pronto, no fundo para alguém que fizesse parte da minha família. (E2)</p> <p>É uma faixa etária que eu não estou habitada a lidar com um número tao grande e que nem sempre é fácil de os tentar acalmar. Mas sim gostei muito, foi estimulante perceber até que ponto é que eles conseguiam chegar para criar a história, perceber as diferentes formas que tinha que fazer para eles também conseguirem perceber o que é que eram as imagens, o que não eram as imagens. Foi estimulante, desafiante, foi muito bom. (E2)</p> <p>Sim, gostei. São um grupo simpático, são meninos que estão tranquilos e com a vossa ajuda também ajudaria a controlar qualquer dificuldade de comportamento, mas estavam tranquilos, estavam interessados e penso que gostaram. (E3)</p> <p>Senti-me bem. Não estou acostumado a dar aulas assim a meninos pequeninos, só a partir do 1º ano, portanto foi uma experiência engraçada. (E3)</p> <p>Porque gosto muito de estar com crianças também. (E4)</p> <p>Senti me à vontade. As vezes é um desafio, porque são muitos meninos, e todos muito diferentes. Mas foi um desafio, foi engraçado. (E4)</p> <p>Sim, gostei, gostei bastante. (E5)</p> <p>Não. Eu gostei muito de participar, acho que sim. Já há muito tempo que tinha vontade de participar, pois acho</p>

		<p>que isto realmente é muito importante, estas participações da família na escola, mas sempre como eu disse, sem cair em excessos, nem pecar por defeito, nem pecar por excessos, tudo com a sua moderação. Gostei muito de participar. (E5)</p> <p>Sim, gostei muito desta experiência e gostava de repeti-la mais vezes. É uma ideia que podíamos desenvolver e fazer mais no futuro com outro tipo de histórias que podemos escrever e com outros grupos de crianças. (E6)</p> <p>Senti-me gratificada, que estava a fazer algo que era benéfico. (E6)</p>
--	--	--

Tabela 7 - Recorte da subcategoria "Sentimento"

No presente indicador, é perceptível observar que todos os entrevistados se sentiram satisfeitos ao proporcionarem uma atividade no jardim de infância, mencionando dois aspetos distintos.

A E1, a E5 e a E6 declaram que gostaram de participar e se sentiram gratificadas. Se por um lado, a E6 demonstra vontade em participar mais vezes, por outro, E5 declara que tem de haver moderação, isto é, nem participar demais, nem de menos.

Note-se que a E2, o E3 e a E4 afirmaram que se sentiram estimulados e desafiados na medida em que nunca tinham proporcionado uma atividade a tantas crianças, tão diferentes e tão novas e, muito menos, a alguém de família.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Atividade	Ansiedade	Positivo	Foi estimulante porque exigiu uma preparação prévia, eu tive que preparar-me, tive que andar a ler e perceber como é que se fazem truques de magia para depois isto parecer realmente um truque de ilusionismo. Sim tive que me preparar atempadamente sim. (E5)

Tabela 8 - Recorte do indicador "Positivo"

A ansiedade expressa pela E5 é considerada positiva, uma vez que a estimulação que a mesma relata advém de toda a preparação prévia que a entrevistada esteve que fazer para conseguir realizar a atividade da melhor forma, e não, uma ansiedade que a deixou desconfortável.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Atividade	Ansiedade	Negativo	Senti-me bem, lá está um bocadinho insegura no início, é natural. (E2) Oh, ao princípio senti-me um bocadinho nervosa porque não sabia como é que os meninos iam reagir, e depois como estava a fazer uma atividade de truques não é, tinha que fazer de maneira a que as crianças não percebessem como é que as coisas funcionavam. (E5)

Tabela 9 - Recorte do indicador "Negativo"

Se por um lado as entrevistadas E2 e E5 expressaram as suas ideias de forma díspar, por outro assumiram sentimentos muito semelhantes no decorrer da atividade, tais como a insegurança e o nervosismo.

Enquanto a E2 expressa a sua ansiedade no início da atividade, afirmando que com o passar do tempo a insegurança desapareceu, a E5 revela que se sentiu nervosa derivado à atividade que proporcionou, visto que requer confiança a realizar bem os truques de magia, de forma a que as crianças não percebam como se executam.

Pelos dois indicadores constantes nesta subcategoria, podemos concluir que a intervenção no jardim de infância e o envolvimento com as crianças se traduziu numa mistura de sentimentos para alguns dos nossos entrevistados. A ansiedade foi ideia convocada pelos familiares das crianças para caracterizar a experiência vivida. Talvez se justifique relevar que este nervosismo, tal como foi visível, pode ser considerado tanto positivo como negativo e, quiçá, um maior diálogo prévio com a educadora e, simultaneamente, uma rotina de presença na sala com as crianças possa contribuir para diminuir essa ansiedade, especialmente, quando desencadeia sentimentos de desconforto e insegurança.

- 2º Categoria

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
Crianças	Envolvimento	<p>Acho que ficaram envolvidas, acho que ficaram muito interessadas. Eles já estavam entusiasmados pelo tema, já tinham feito atividades do Pedro Álvares Cabral. (E1)</p> <p>Foi por esse meio que eu acho que eles já estavam entusiasmados e ainda ficaram mais, por saberem mais coisas ainda, que quiseram também mostrar que já sabiam muitas coisas, participaram muito, eu achei que eles participaram bastante. (E1)</p> <p>Falaram muito sobre aquilo que eles já sabiam, que o Pedro Álvares Cabral quando lá chegou viu os índios, que os índios não falavam português, mas que os portugueses falavam o latim, que fizeram uma missa, através da representação do teatro, pelo que foram desenvolvendo no teatro, gostaram de ver que na casa do Brasil em Santarém tem um quadro que representa exatamente essa missa. Acho que eles gostaram também muito de ver que aquilo que eles fizeram, está representado em vários sítios. (E1)</p> <p>Foi engraçado primeiro porque acho que há várias crianças ali naquele grupo com capacidades totalmente diferentes, e não sei, acho primeiro foi bom para eu conseguir repensar um bocadinho e lembrar-me de algumas coisas em termos de história, da apresentação que fiz, mas também porque achei que foi algo interativo, e que eles também participaram e mostraram algum interesse. Gostei muito. (E2)</p> <p>De uma forma muito positiva. Eles não me conheciam, se calhar podiam estar um bocadinho receosos, e achava que eles até podiam estar mais receosos, mas não, acho que foi de uma forma muito positiva. Eles conseguiram participar, foram procurando as imagens, entretanto na altura, quando foi para colar queriam ser eles, é sempre a questão de ser os primeiros, mas iam sempre participando, dizer o que é que era, o que é que não era, para</p>

	<p>que é que servia foi muito positivo, mas lá está, é como tudo, temos crianças com umas capacidades diferentes das outras e as faixas etárias deles também são diferentes, e portanto temos de tentar estimular e acompanhar essas faixas. (E2)</p> <p>Foi boa. A maioria deles participou com agrado, um ou outro estava um bocadinho mais envergonhado, mas acho que é normal. Se houvesse mais atividades, ao fim da terceira, quarta, quinta, já estariam melhor. (E3)</p> <p>Sim, e também ao serem outras pessoas a participar, vai-se monitorizando a atenção das crianças de outra forma. (E4)</p> <p>Porque para já é um grupo que se interessa, maioritariamente finalista e notava-se que estavam interessados na exposição que eu ia apresentar. (E5)</p> <p>Eu achei que eles foram todos muito participativos. Eu até tinha dificuldade em arranjar um voluntário, porque todos eles queriam ser voluntários. Eu fazia mal a pergunta, porque eu se calhar nem devia perguntar, devia logo dizer olha pode ser aquela menina, porque se vou perguntar quem quer ajudar, todos queriam ajudar. (E5)</p> <p>Sim, claro que sim, as crianças mostraram-se bastante atentas, interessadas e trouxeram coisas novas para a história com a participação deles. (E6)</p> <p>Foi bastante participativa, foi muito boa. Eles estavam muito atentos, muito motivados e estavam felizes também. (E6)</p>
--	--

Tabela 10 - Recorte da subcategoria "Envolvimento"

Nesta subcategoria, designada de “envolvimento”, os seis entrevistados declaram que as crianças se mostraram envolvidas e muito participativas durante as atividades, salientando alguns aspetos importantes.

Se por um lado a E4 revela que é importante a participação da família no sentido que estimula e monitoriza a atenção das crianças, envolvendo-as, por outro, o E3 assegura que participar em atividades ajuda a vencer a vergonha e a timidez, envolvendo-as cada vez mais.

Já a E2 e a E5, abordam na entrevista aspetos em comum, uma vez que ambas descrevem o envolvimento como positivo, destacando a grande vontade das crianças em participar, pois a E2 afirma que a atividade interativa que proporcionou, despoletou interesse na medida em que queriam participar em tudo, como procurar as imagens, colar ou criar histórias, e a outra evidencia que as crianças estavam muito interessadas e envolvidas, querendo participar em todos os truques de magias.

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
Crianças	Aprendizagem	<p>Penso que talvez, não quero estar a dizer que o desenvolvimento cultural deles ficou maior ou mais enriquecido, mas efetivamente culturalmente, adquiriram mais umas peças para integrarem naquelas que eles já iam tendo e eu penso que de certa forma, tentei também enquadrar o tema, nomeadamente e sempre referenciando, Coimbra e Santarém, onde se enquadrava esta figura histórica no nosso país, geograficamente inclusive. Acho que, em termos culturais, contribuí um pouco para o desenvolvimento cultural deles, penso que sim, mas o tempo dirá. (E1)</p> <p>Sim, sim constroem-se. Cria-se um laço diferente também com a nossa família. Acho que ficamos mais próximos, seja do familiar que lá vai, até porque depois queremos mostrar aos outros amigos, “ai foi lá a minha prima, a minha amiga, o meu pai fazer esta apresentação” ficamos sempre orgulhosos enquanto crianças e queremos sempre aprender mais, estimulamos outros pais a fazerem o mesmo, porque as crianças chegam a casa e dizem “ai foi lá a mãe do João, do Manuel” e depois acabam por estimular outros pais a fazer o mesmo para a criança também se sentir feliz, e acho que estimula muito as crianças e a aprendizagem delas.</p> <p>(E2)</p> <p>Assim uma contribuição decisiva para o futuro delas, penso que não. Posso ser que tenha despertado algum interesse pela música em</p>

	<p>alguma delas, mas só com uma aula não sei. (E3)</p> <p>No sentido de estimular a imaginação delas. Há uns truques mais difíceis, que eles não conseguiram, mas os mais simples começaram a estimular a imaginação, pois começaram todos a tentar a adivinhar como tinha feito para acontecer aquilo daquela maneira. É estimular a capacidade para eles conseguirem ver que aquilo é parecer uma coisa que não é, portanto houve meninos que conseguiram ver como eu tinha feito no último truque. (E5)</p> <p>Portanto se eles aprenderem um truque de magia e conseguirem fazê-lo, para eles é fascinante, ou um miúdo de 5 anos ou 6, aprende a dar um nó para eles aquilo é espetacular e ainda o dia todo a dar nós porque descobriu uma coisa nova que não era capaz de fazer até ali. Eles estão numa constante aprendizagem e, portanto, tudo o que seja experiências enriquecedoras, sejam atividades lúdicas, manuais ou científicas, para eles é tudo fascinante porque aqueles cérebros estão a aprender, são autênticas esponjas. (E5)</p> <p>Os problemas que surgem na escola entre socialização, entre criar a sua própria autonomia, entre dificuldades de cooperação entre eles, e às vezes as guerrilhas, isso tem que ser resolvido entre eles com a ajuda dos professores e das pessoas que estão a trabalhar com eles. Nós não podemos estar lá sempre para os defender, eles vão ter que aprender a defender-se sozinhos, e, portanto, a nossa intervenção nestas atividades lúdicas, sim, com moderação, porque é para criar aquele ambiente familiar, que nós pais estamos atentos, que gostamos da escola e dar o exemplo, é interessante, mas com moderação. (E5)</p>
--	---

Tabela 11 - Recorte da subcategoria "Aprendizagem"

A subcategoria reflete as falas dos entrevistados relativamente à aprendizagem das crianças. No que diz respeito às duas primeiras entrevistadas, é de destacar que enquanto uma transmite que contribuíram a nível cultural, “acho que, em termos culturais, contribuí um pouco para o desenvolvimento cultural deles (E1)”, outra revela

que pensa ter contribuído a nível social, considerando que “acabam por estimular outros pais a fazer o mesmo para a criança também se sentir feliz, e acho que estimula muito as crianças e a aprendizagem delas (E2)”, uma vez que a sua participação no jardim de infância desperta interesse nas famílias em querer participar.

Sob outra perspetiva temos o testemunho de dois entrevistados, o E3 e a E5, que assumem ter despertado nas crianças o interesse, tanto pela música, afirmando “posso ser que tenha despertado algum interesse pela música em alguma delas (E3)”, como pela imaginação, expressando que “há uns truques mais difíceis, que eles não conseguiram, mas os mais simples começaram a estimular a imaginação, pois começaram todos a tentar a adivinhar como tinha feito para acontecer aquilo daquela maneira (E5)”.

A E5 revela ainda que para que a aprendizagem ocorra da melhor forma, “os problemas que surgem na escola entre socialização, entre criar a sua própria autonomia, entre dificuldades de cooperação entre eles, e às vezes as guerrilhas, isso tem que ser resolvido entre eles com a ajuda dos professores e das pessoas que estão a trabalhar com eles”. Desta forma, espera que o filho seja autónomo e ultrapasse os obstáculos sozinho e ainda justifica que as atividades que proporciona são fundamentais, mas declara que têm de ser moderadas.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Crianças	Comportamentos Familiares	Entusiasmo	O filho em particular, eles ficam sempre mais reservados, porque são os pais, é a Mãe que está a ver, e então penso que ele apesar de tudo participou. Se bem me lembro ainda interveio duas ou três vezes, e até muito bem, com coisas que ele já sabia, com coisas que ele aprendeu convosco no teatro, com coisas que ele viu em Santarém, porque ele foi visitar os locais, e acho que ele estava muito entusiasmado, porque ele estava a gostar muito de ver ali a mãe por um lado, e por outro de falar com os colegas que também teve

		<p>naquele local e sabia muitas coisas. (E1)</p> <p>Claro, porque acima de tudo, a criança 20 estava muito emocionada com o facto de ter vindo. Ela tinha me pedido para vir. (E4)</p> <p>Acho que ela teve interessada, mas foi um pouco confiar na aptidão dela para perceber que ela tinha o jogo em casa e podia fazer, e dar a vez a outros meninos. Mas acho que correu bem, e claro que ela queria fazer mais e estar mais interventiva, mas acabou por perceber que os amiguinhos dela tinham oportunidade de fazer uma experiência que é dela. Mas acho que nesse sentido foi interessante. (E4)</p>
--	--	---

Tabela 12 - Recorte do indicador "Entusiasmo"

Na subcategoria “comportamentos familiares” emerge, de forma explícita todo o entusiasmo que os filhos e primo sentiram com a presença das famílias. Inicialmente a E1 confia que apesar de reservado, o filho participou durante a atividade, intervindo durante algumas vezes, tanto sobre o que já sabia e o que foi vendo em Santarém, mas também com alguns aspetos que foi aprendendo com o projeto dos descobrimentos realizado por mim e pela minha colega durante o estágio. Terminou dizendo que o sentiu entusiasmado pois se por um lado, a mãe estava ali com ele, por outro, estava a mostrar aos colegas que sabia muitas coisas sobre o assunto abordado.

A E4 assumiu que no decorrer da atividade, a filha se mostrou interessada e compreensiva, na medida em que deixou de participar nas atividades para que os colegas pudessem experimentar e fazer parte da experiência.

Neste indicador temos uma diferença evidente, visto que enquanto o filho da E1 quis participar e mostrar aos colegas que sabia muito sobre Pedro Álvares Cabral, na leitura da mãe, já a filha da E4 apesar de ter o desejo de intervir mais, deu a possibilidade aos amigos para realizar a experiência, algo que talvez se possa explicar, provavelmente, pela natureza das duas intervenções

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Crianças	Comportamentos Familiares	Timidez	Esteve mais tímida, e por outro lado também estava a querer mais atenção. Eu tentei que não, mas não foi fácil. (E6)

Tabela 13 - Recorte do indicador "Timidez"

O indicador “timidez” traduz a fala de E6 afirmando que a filha estava mais tímida com a sua presença e também a chamar mais a sua atenção.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Crianças	Comportamentos Familiares	Casa	Durante a atividade esteve normal, penso eu, nem mais envergonhada nem menos. Em casa é que queria dar sugestões das coisas que poderíamos fazer. Queria fazer jogos, queria esconder coisas, mas lá lhe expliquei que não seria bem assim. Acabou por sugerir uma ou duas músicas que cantámos. (E3) Porque já fizemos alguns em casa, então ele estava muito familiarizado e, portanto, queria ajudar, intervir, saltar para cima de mim como se tivesse em casa. De todos os meninos, ele era o que estava mais liberto, digamos assim. (E5)

Tabela 14 - Recorte do indicador "Casa"

O E3 destaca que a sua filha reagiu naturalmente à sua presença, mas em casa quis ajudar na preparação da atividade, uma vez que queria dar sugestões sobre o que poderia ser feito no decorrer da mesma, acabando por escolher as duas canções que foram ensinadas ao grupo. Sob outra perspetiva a E5 declara que devido ao facto de o filho ter observado os truques em casa enquanto a mesma estava a preparar a atividade, no momento proporcionado ao grupo, ele quis intervir e ajudar no processo, ficando mais liberto. É de tomar em linha de conta que esta criança estava mais liberta que o normal derivado à presença da mãe, especialmente relevante dado tratar-se de uma criança muito tímida e não participa muito em grande grupo.

É possível observar que existem algumas semelhanças entre o testemunho do E3 e o testemunho da E5, na medida em que a filha do E3 queria dar sugestões em casa sobre a atividade que o pai ia proporcionar, ao passo que o filho da E5 ao conhecer os truques em casa, quis intervir e ajudar na sua realização.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Crianças	Comportamentos Familiares	Distraído	Não. Achei que ele esteve como ele é, muito distraído. Acho que por ser eu ficou contente como é lógico, por lá ir mostrar uma atividade, mas acho que esteve mesmo como ele é, distraído, sempre, mas participativo dentro do normal. Acho que o facto de ser eu ou de outra pessoa, acabava por ser a mesma coisa. (E2) O meu filho estava muito mais desinibido, e teve mais dificuldade que os outros em se manter atento porque pronto, é a mãe e ele conhece parte dos truques. (E5)

Tabela 15 - Recorte do indicador "Distraído"

A E2 referiu não só a distração, transmitindo que durante a atividade o primo esteve distraído, mas também que esse era o seu normal e que mesmo que fosse outra pessoa, esse era o comportamento esperado. Já a E5 mencionou que o seu filho esteve algumas dificuldades em estar atento devido ao conhecimento que detinha sobre o decorrer da atividade.

Desta forma, é de tomar em linha de conta o que estas duas entrevistadas testemunham, tanto o comum, como as diferenças. Se, por um lado, relevam a distração dos familiares, por outro, enquanto uma afirma que o primo é distraído de natureza, outra declara que o filho apresentou distração durante parte da atividade visto que já sabia o que iria acontecer. É de evidenciar que o filho da E5 não só quis participar e ajudar a proporcionar a atividade ao grupo (indicador: “casa”), mas também o facto de saber o que iria acontecer, foi motivo de grande distração (indicador: “distraído”).

Nesta perspetiva verifica-se que apesar das crianças se envolverem e se comportarem de maneiras diferentes, todas se envolvem mais quando a participação da família é frequente.

- **3º Categoria**

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Participação da família	Importância	Satisfação da Criança	É importante sim, os pais participarem, até porque as crianças ficam muito contentes. (E1) Eu penso que é muito bom e devia de haver mais iniciativas desse tipo de atividades, é muito bom esta interação e eles ficam muito felizes. (E6)

Tabela 16 - Recorte do indicador "Satisfação da Criança"

Neste indicador podemos ter a perceção que dois entrevistados acreditam que a participação da família é importante para a satisfação das crianças uma vez que a E1 afirma que é importante na medida em que as deixa contentes e o E6 expõe a sua opinião relativamente a este tipo de iniciativas, confidenciando que estas interações entre a família e as crianças, as deixam felizes e são muito boas, devendo ser cada vez mais frequentes.

Indo ao encontro do que a E6 afirmou, a participação dos pais é fundamental, pois se por um lado, a criança sente que a família se interessa (Marques, 2001), por outro, permite desenvolver a confiança em si mesma e intensifica a felicidade e o bem-estar (Magalhães, 2007). Este envolvimento dos pais na educação, possibilita um melhor desempenho escolar, tanto a nível das atitudes como também a nível de aproveitamento (Villas-Boas, 2002).

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Participação da família	Importância	Desenvolvimento	Acho que é muito importante. Cada vez mais nós vemos que as crianças estão muito ligadas ao mundo virtual, mesmo na

idade deles e que só querem ver desenhos animados ou só querem mexer nos telemóveis, nos tablets, e as famílias muitas das vezes porque estão cansadas, ou porque não têm tempo, porque têm outros afazeres como costumamos dizer, em casa, acabam por se desligar um bocadinho daquilo que são as atividades das escolas, e acho que é muito importante e devia haver mais participações por parte dos pais, familiares, porque só quando nós estamos no mundo deles, não é, que é onde eles passam cerca de 8/9 horas diárias, é que nós percebemos o que se passa ali. Acho que é cada vez mais importante haver estas atividades, até porque como se costuma dizer, quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto, portanto podemos sempre criar formas diferentes de participar e acho que é muito importante e ajuda o desenvolvimento da criança e das outras pessoas também, não só do filho, mas também das outras crianças. (E2)

Acho que sim, porque nestas idades tudo serve para aprender, até as coisas mais simples. Eles estão numa constante evolução e qualquer coisa simples para eles é uma agradável surpresa, porque eles conseguem aprender a fazer qualquer coisa de novo, para eles é extraordinário. (E5)

Sim claro que sim. Penso que isso é algo que é muito motivante para elas, verem os pais envolvidos, é como se puxasse mais por elas, não é

		<p>algo que passa despercebido, e acho que marca, porque é assim “estão ali os meus pais, estão a contar uma história” e elas sentem-se importantes porque estão ali os pais, não é importantes no sentido de eu sou importante, mas no sentido que os pais dão-me atenção, estão aqui, fazem isto para nós. Então é algo bom porque fortifica as relações entre familiares. (E6)</p>
--	--	---

Tabela 17 - Recorte do indicador "Desenvolvimento"

No presente indicador, estas entrevistadas mencionaram aspetos comuns, uma vez que ambas relatam a importância e a frequência desta participação para o desenvolvimento, apresentando algumas opiniões entre as quais, criar mais momentos de modo a conhecer o quotidiano das crianças (E2), proporcionar mais momentos de aprendizagem para estimular o seu desenvolvimento (E5) e, ainda, envolverem-se em atividades de forma a proporcionar bem-estar e fortificar relações (E6).

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Participação da família	Importância	Enriquecer	<p>Acho que é importante. Vi que foi afixando alguns resumos de outras atividades e estive a ler um ou outro e pareceram-me bastante interessantes, acho que sim, que podem enriquecer. (E3)</p> <p>Se o estímulo for diferente, acho que a atenção também acaba por ser mais focalizada. Se for sempre a mesma pessoa, elas podem dispersar um pouco mais e se forem pessoas diferentes e com um laço afetivo, acho que acaba por ser muito interessante porque de alguma forma diversifica o estímulo de aprendizagem. (E4)</p> <p>Penso que foi bom porque eles ouviram a história e depois</p>

		escreveram as ilustrações da história, e penso que foi benéfico e útil porque desta vez nós fizemos os personagens da história, e então eles viram as personagens e foi mais fácil para eles imaginar a história, penso eu, foi benéfico porque puxou muito pela criatividade nesse sentido. (E6)
--	--	---

Tabela 18 - Recorte do indicador "Enriquecer"

No presente indicador, estas entrevistadas mencionaram aspetos comuns, uma vez que ambas relatam a importância e a frequência desta participação para o desenvolvimento, apresentando algumas opiniões entre as quais, criar mais momentos de modo a conhecer o quotidiano das crianças (E2), proporcionar mais momentos de aprendizagem para estimular o seu desenvolvimento (E5) e, ainda, envolverem-se em atividades de forma a proporcionar bem-estar e fortificar relações (E6).

Neste indicador estão presentes dois pontos de vista, uma vez que o E3 utiliza o verbo enriquecer relativamente a uma estratégia que foi utilizada no presente trabalho, enquanto a E4 e a E6 utilizam esse mesmo verbo, para salientar a importância da participação da família nas atividades.

A estratégia a que o E3 se refere consistia em expor às famílias o que se ia proporcionando ao grupo através de resumos das diversas atividades, acompanhadas de fotos para ilustrar os momentos.

É de evidenciar que apesar das entrevistadas E4 e E6 salientarem aspetos diferentes no seu testemunho, ambas afirmam que a participação das famílias é importante, não só porque se a participação for realizada por diversas pessoas com laços afetivos relativamente ao grupo, a atenção e o interesse vão ser diferentes (E4), mas também porque que a sua participação, em particular, foi benéfica na medida em que estimulou a imaginação e a criatividade nas crianças (E6).

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
Participação da família	Relação Escola-Família	Promove efetivamente a relação escola família, porque o pai ou a mãe ficam a conhecer um pouco melhor a escola, e a escola fica a conhecer um pouco melhor o pai

ou a mãe que vai fazer essa mesma apresentação. Em relação a toda essa dinâmica escola família e esse desenvolvimento poderá ser essa via exatamente, essa participação dos pais na escola. Claro que há pais dependendo do tema, claro que aqui foi livre, cada um apresentou a forma que se sentia mais à vontade, é claro que se for alguma coisa imposta, talvez os pais se restrinjam um pouco mais. Depois também há essa problemática da ordem socioeconómica do trabalho, que dificultam muito os pais, não é que não queiram, mas não têm mesmo tempo e oportunidade para estarem um pouco mais presentes no jardim de infância. (E1)

Acho que é importante. Pode haver restrições de horários dos pais, do pai ou a mãe poderem vir até à escola, pois por vezes é muito difícil, hoje em dia os horários não são fáceis de regular, as disponibilidades digamos. (E1)

Sim penso que sim. Há pais que são especializados numa ou noutra área e podem trazer mais-valias que as educadoras no dia-a-dia não têm possibilidade de fazer, ou não trabalharam assim de forma tao especializada nessa área, portanto acho que sim, que enriquece a aprendizagem das crianças. (E3)

Acho que isso é engraçado, eles perceberem que os pais estão mais presentes na escola. (E4)

Acho que é muito importante. Acho que a escola e a família deviam tentar ser mais um, e em uníssono pensar na estratégia educativa para as crianças. Até porque, quer queiramos quer não, as crianças passam muito mais tempo com vocês do que connosco. Então a escola é de facto uma ponte muito importante para facilitar e ajudar na estratégia educativa comum. (E4)

É assim, eu acho que a participação dos pais na escola, nestas idades é positivo desde que não seja com algum carácter rotineiro, porque na minha opinião eles também têm que desenvolver aqui uma identidade própria, e, portanto, nós não devemos estar sempre aqui

	<p>a aparecer e a intervir. É natural que surjam dificuldades, mas nós devemos ter uma intervenção apenas quando é necessário. Estas participações nas atividades lúdicas e escolares é positivo se for esporadicamente, e positivo no sentido de que os outros meninos vêm a mãe, portanto dá para se familiarizarem mais, criar mais uma intimidade entre eles, perceberem que estão em família. Acho que nesse sentido é positivo perceberem que estamos aqui todos, que há uma interligação, agora tem que ser moderado. Eu sou um bocado crítica embora não tenha chegado a essa fase, mas acho que os pais são muito participativos, não só nesta fase, mas também nas fases seguintes, e isto tem coisas boas e coisas más. Acho que a participação dos pais tem que ser feita com moderação porque eles também têm que resolver os problemas deles com os amigos deles e com as professoras deles, e os problemas têm que ficar resolvidos quando forem dessa natureza, só uma situação muito grave é que terá que se extrapolar para fora. (E5)</p> <p>E pronto é gratificamente para os pais, participarem nas atividades escolares. (E5)</p>
--	---

Tabela 19 - Recorte da subcategoria "Relação Escola-Família"

Segundo a E1, a participação das famílias no jardim de infância passa por dois obstáculos, pois, se por um lado, as atividades forem impostas, sem o mínimo de liberdade, as pessoas retraem-se e não se sentem à vontade para o fazer, por outro, os horários de trabalho, acabam por limitar a disponibilidade das famílias para proporcionar este tipo de momentos.

Desta forma, e partindo do que a E1 transmitiu, é fundamental que os educadores não convençam os familiares a fazerem algo contrariados, mas sim dar-lhes oportunidades de fazer algo que se sintam à vontade, pois têm de ser motivados ao invés de serem obrigados a participar, de forma a terem oportunidade de escolher o que querem proporcionar e como querem colaborar (Magalhães, 2007). É de evidenciar que para que os pais se sintam confiantes, é necessário que os educadores

possam apoiá-los e, se for o caso, ajudá-los na construção da atividade (Marques, 2001).

Apesar da E1 e o E3 salientarem aspetos diversos, eles complementam-se na medida em que a E1 relata que esta participação faz não só com que os familiares conheçam melhor a escola, mas também que a escola conheça melhor os familiares, já o E3 afirma que há pais mais especializados em diversas áreas e podem por isso, constituir uma mais valia.

A E4 relata que é essencial que ambos, a escola e a família, pensem numa estratégia educativa para as crianças, uma vez que passam muito mais tempo na escola com os educadores, do que em casa com as famílias, podendo ser assim uma ponte para facilitar o propósito comum, sublinhando que é importante as crianças terem a perceção que os pais participam na instituição. Assim, se for reconhecida uma colaboração entre o jardim de infância e a família, o sucesso e o desenvolvimento da criança deverá ser superior (Bronfenbrenner, 1986).

Por fim, a E5 defende que esta relação é positiva pois as crianças veem as famílias e acabam por criar mais intimidade, no entanto, defende que esta participação deve ser ponderada, visto que as crianças têm de resolver os seus problemas sozinhas, com os amigos ou com os educadores, criando uma identidade própria.

- **4º Categoria**

Categoria	Unidades de Registo
Papel da Estagiária	Só acrescentar que gostei do trabalho desenvolvido por vós, que facilitou muito a minha apresentação, pois eles já vinham com alguma ideia, e depois foi encaixar mais algumas peças do que eles já tinham visto. Como é tudo lúdico, é o aprender a brincar, eu acho isso fundamental pois eles brincam e aprendem ao mesmo tempo. (E1) Não acho que não, acho que foi um bom projeto, acho que é um bom tema e espero que tenha corrido tudo bem. (E3)

Tabela 20 - Recorte da categoria "Papel da Estagiária"

Na presente e última categoria, dois dos familiares entrevistados manifestaram a sua opinião relativamente ao projeto que foi desenvolvido, testemunhando que se

tratou de um bom tema para ser abordado e, muito particularmente, por ser lúdico, na medida em que, se por um lado, as crianças se encontraram a brincar, o que considera ser fundamental, por outro, estiveram, igualmente, a aprender através dos momentos que foram proporcionados.

Análise das entrevistas às crianças

A matriz do grupo focal realizado com as crianças organiza-se em duas categorias, nomeadas de “Presença da família” e “Atividades”. A primeira categoria diz respeito ao que as crianças sentem relativamente à presença das famílias, nomeadamente a satisfação e a vontade de as ver participar no jardim de infância e envolver em diferentes atividades, mas também a ausência dos familiares devido ao seu trabalho, enquanto a segunda categoria resultou da preocupação em conhecer a sua opinião relativamente às atividades, sobretudo se gostaram, as que mais gostaram, as que menos gostaram e ainda os conhecimentos que consideram adquiridos com a participação nas mesmas.

Neste sentido, é apresentada e analisada primeiramente a categoria da “Presença da família” e, posteriormente, a categoria das “Atividades”, através das diversas subcategorias, de indicadores e das unidades de registo.

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
Presença da família	Satisfação	Sim (C5)
		Eu gostei muito (C10)
		Sim (C15)
		Gostei muito e é muito importante (C9)

Tabela 21 - Recorte da subcategoria "Satisfação"

Nesta subcategoria podemos observar que três crianças declaram que gostaram da presença das famílias e uma afirma não só que gostou, mas também que essa presença é muito importante. Desta forma, e como a C9 confidenciou, é de evidenciar a sua relevância, visto que como corrobora Macedo (1994), a família ao participar e se

interessar pelo bem-estar e pelos interesses das crianças, elas se tornam mais confiantes.

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
Presença da família	Vontade	Porque assim eles ficam connosco (C10) Vou pedir ao meu pai porque a minha mãe não pode (C5) Vou pedir à minha mãe para vir mostrar o meu coelhinho (C10)

Tabela 22 - Recorte da subcategoria "Vontade"

Note-se que duas crianças afirmaram que iriam pedir aos pais para participarem, porque têm vontade de os ver no jardim de infância. Desta forma, destacando a posição de Fernandes (2001), é de salientar que a presença das famílias na instituição melhora o relacionamento com os seus filhos, desenvolvendo uma atitude mais positiva relativamente ao jardim de infância.

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
Presença da família	Ausência	O meu pai não pode porque trabalha muito (C15)

Tabela 23 - Recorte da subcategoria "Ausência"

Em contraponto, o lamento de C15, consonante com a manifestação geral de satisfação com a presença das famílias no jardim de infância, transmite que infelizmente a sua família não consegue marcar presença e envolver-se nas atividades devido ao seu trabalho. A conhecida incompatibilidade de horários e que já foi bastante referenciada ao longo dos capítulos do presente trabalho.

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
Atividades	Satisfação	Sim (Todas as crianças)

Tabela 24 - Recorte da subcategoria "Satisfação"

Na categoria das atividades, a primeira subcategoria diz respeito à satisfação das crianças pelo desenvolvimento das atividades que, no geral, ficou bem visível na medida em que todas as crianças expressaram a sua satisfação e gostaram.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Atividades	Mais Gostaram	Mãe do C3	Mãe do C3 porque gostei de aprender coisas sobre o brasil, porque a minha mãe é do brasil (C8) Mãe do C3 porque gostei muito dos navegadores (C3)
		Prima do C2	Prima do C2 porque gostei de conhecer a índia e o vasco da gama, e me calhou uma fotografia com moedas douradas (C2) Prima do C2 e a mãe do António porque eram muito bonitas (C6) Prima do C2 porque tínhamos de procurar fotografias e calhou-me a lua (C4)
		Pai da C9	Pai da C9 porque gosto de tocar piano (C5) Pai da C9 porque a primeira vez que toquei piano foi quando o pai da laura veio cá, e agora já me estou a habituar a tocar piano porque o meu vizinho tem um piano (C10) Pai da C9 porque gostei de estar sempre a dançar (C9) Pai da C9 porque aprendi muitas músicas (C13) Pai da C9 porque gostei de tocar piano (C18) Pai da C9 porque aprendemos muitas músicas, e tivemos músicas com jogos (C11) Pai da C9 e mãe da C20 porque gostei muito das canções e das experiências (C19)
		Mãe da C20	Mãe da C20 porque gosto muito de experiências (C12)

		Mãe da C20 porque gosto muito de experiências e tenho uma caixa parecida com experiências em casa (C16)
		Mãe da C20 porque gosto muito de experiências (C1)
		Mãe da C20 porque gostei das experiências (C21)
		Mãe da C20 porque eram experiências (C17)
		Mãe da C20 porque gosto de experiências e aprender experiências novas através dos jogos (C20)
	Mãe da C16	Mãe do C16 porque gostei muito dos truques de magia (C7)
	Todas	Todas porque foram todas muito divertidas (C15)

Tabela 25 - Recorte da subcategoria "Mais Gostaram"

No que concerne à segunda subcategoria, “Mais gostaram”, esta engloba as atividades que as crianças consideraram que mais gostaram, com particular atenção às justificações que apresentaram. Como é possível observar a partir da matriz de redução de dados, as mais apreciadas foram a atividade da música, realizada pelo pai da C9, em que as crianças experimentaram o piano, aprenderam algumas canções e dançaram, e a atividade das experiências, conduzida pela mãe da C20 na qual realizaram quatro experiências. Note-se, ainda, que uma criança refere que gostou de todas, justificando com o facto de que foram muito divertidas.

Na atividade da música algumas crianças mostraram a sua emoção relativamente ao piano – e.g., “Isto é muito engraçado” e ainda “Eu quero ir outra vez”. Durante as canções sempre foram confidenciando: “Já conheço essa música”, “Gosto muito da letra”. De igual modo, não deixaram de manifestar a sua vontade de aprender, afirmando: “Ah, eu não conheço, mas vou conseguir cantar”. Durante o jogo foram utilizadas diversas músicas e é de salientar alguns comentários como: “Que jogo fixe” e “Ah, eu conheço essa música”.

Note-se que a música faz parte do dia a dia da criança e contribui não só para o seu prazer e bem-estar (Silva et al., 2016), mas também para autoestima e para a

interação social (Perry, 2002). Posto isto, é essencial que a expressão musical esteja bem presente no jardim de infância através dos mais variados momentos, pois esta baseia-se num trabalho de exploração de sons e ritmos que a criança tem a possibilidade de produzir e explorar naturalmente (Silva et al., 2016).

Na atividade das experiências as crianças sentiram-se satisfeitas, admiradas, envolvidas e adquiriram conhecimentos. No que diz respeito à satisfação, uma criança confidenciou “Eu quero ser um cientista” derivado ao facto de adorar fazer experiências. Durante as experiências, a admiração não foi exceção e foram saindo expressões como “Uau, está a subir, parece um vulcão” e “Esta experiência parece gelatina”. No envolvimento, duas crianças mostraram mesmo interesse em participar nas experiências – e.g., “Eu quero fazer o sumo de limão” e “Eu quero fazer a outra experiência”. Por fim, com o decorrer das experiências era notório o conhecimento que estavam a adquirir e mesmo antes de visualizarem os resultados, uma das crianças afirmaria: “Vai soltar o gás, encher o balão e explodir”.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Atividades	Menos Gostaram	Mãe do C3	Mãe do C3 porque não gostei mesmo (C5) Mãe do C3 porque tivemos muito tempo sentados, sem fazer nada e só a ouvir (C9) Mãe do C3 porque tivemos muito tempo sentados no chão (C15) Mãe do C3 porque tivemos muito tempo sentados (C17) Mãe do C3 porque foi muito chata, não gosto de estar muito tempo sentada (C20) Mãe do C3 porque fiquei o tempo todo sentada a apanhar seca (C19) Mãe do C3 porque estava muito sossegadinha (C12) Mãe do C3 porque tive muito tempo sentada (C4) Mãe do C3 porque não gostei muito do Brasil (C11)
		Prima do C2	

		Pai da C9	Prima do C2 porque fiquei muito tempo sentado e pensava que era para ficar com as figuras e não ficamos (C16)
		Mãe da C20	Pai da C9 e mãe da C20 porque não gostei muito de uma música, e não gostei de quando não era a minha vez a ajudar na experiência (C7) Pai da C9 porque os rapazes eram os últimos a dançar (C2) Pai da C9 porque tivemos muito tempo a aprender as músicas (C3) Mãe da C20 porque eram experiências (C13) Mãe da C20 porque gosto muito de experiências, mas eu ouvi que aquilo podia queimar as pessoas e talvez aquilo magoasse (C10) Mãe da C20 porque não gosto de experiências (C1) Mãe da C20 porque não gosto muito de experiências (C6)
		Todas as atividades	Gostei muito de todas (C8) Do que vi, gostei de todas (C21)

Tabela 26 - Recorte da subcategoria "Menos Gostaram"

Relativamente à terceira subcategoria, esta apresenta as que foram menos apreciadas sendo elas a atividade do Brasil, da responsabilidade da mãe da C3, e ainda as atividades da música e das experiências, pois se por um lado, algumas crianças as escolheram como as mais apreciadas na subcategoria anterior, outras escolheram-nas como as menos apreciadas. Como é visível no indicador “Todas as atividades”, duas crianças referiram que gostaram de todas, não conseguindo identificar qual, ou quais, a que menos gostaram.

A atividade do Brasil não foi tão apreciada porque, na perspetiva de sete das crianças, tiveram muito tempo sentadas, sem interagir. Uma afirma que não gostou mesmo e, ainda, uma outra declara que não gostou muito de conhecer o Brasil. É de tomar em linha de conta que esta atividade consistia na exposição de algumas

fotografias sobre a vida Pedro Álvares Cabral e derivado à falta de atividade e mobilidade, durante a mesma, foi caracterizada pelas crianças como muito parada.

No que toca à música, se uma das crianças afirma que não gostou de uma canção, já outra sustenta que esteve muito tempo a aprendê-las. A juntar a estas duas, uma terceira criança diz que não gostou porque os rapazes eram os últimos a dançar no jogo. Esta atividade foi tomada pelas crianças como muito cansativa, devido ao facto de terem de aprender duas músicas num curto espaço de tempo, possuindo, assim, um grau de dificuldade que exigia algum esforço.

No indicador da mãe da C20, três crianças mencionam que não gostam de experiências, mas uma confidencia que apesar de gostar muito de experiências, sente receio porque ouviu dizer que podem queimar e magoar as pessoas. Relativamente a este aspeto, é importante não só compreender o medo, mas também adotar os métodos adequados de forma a transmitir à criança que, se por um lado, existem perigos, por outro é fundamental ter consciência que se tomar o devido cuidado e se adotarem procedimentos corretos, não há razão para não o fazer.

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Atividades		Instrumentos	Tocar piano (C5)
		Canções	Aprendi muitas músicas com o pai da C9 e aprendi que tenho de esperar pela minha vez (C7) As canções do pai da C9 (C20) Aprendi a música do girassol (C9) Aprendi músicas novas (C11) Aprendi músicas novas (C19)
		Regiões	Aprendi onde Pedro Alvares Cabral vivia e onde castigou os assassinos (C15) Aprendi coisas dos descobrimentos (C6) Gostei de aprender as aventuras (C3) Aprendi onde fica o brasil (C21) Aprendi onde fica o brasil e a índia (C2)
	Conhecimentos Adquiridos		

		Experiências	<p>Aprendi muitas coisas sobre a índia (C16)</p> <p>As experiências têm de se fazer com um adulto (C10)</p> <p>Aprendi a fazer experiências (C17)</p> <p>Aprendi que as experiências são muito divertidas (C9)</p> <p>Aprendi a fazer experiências (C19)</p> <p>As experiências que a mãe da C9 veio fazer (C12)</p> <p>Aprendi experiências (C11)</p>
		Truques de Magia	<p>Aprendi muitos truques de magia (C9)</p> <p>Aprendi os truques de magia (C12)</p>
		Coisas Novas	<p>Aprendi muitas coisas novas (C4)</p> <p>Aprendi muitas coisas com as atividades todas (C1)</p>

Tabela 27 - Recorte da subcategoria "Conhecimentos Adquiridos"

Por fim, esta subcategoria, “Conhecimentos adquiridos”, reporta aos conhecimentos que as crianças consideraram ter adquirido com os momentos que as famílias proporcionaram. Em correspondência com os indicadores criados, pela narrativa das crianças percebe-se que estas consideram ter adquirido noções de instrumentos, canções, regiões, experiências, truques de magia e, genericamente, consideram mesmo que aprenderam coisas novas.

A nível dos instrumentos e das canções, o conhecimento foi adquirido através da atividade da música. O piano foi o instrumento que as crianças tiveram a possibilidade de experimentar e, durante esse momento, foram proferidas algumas expressões como “São muitas notas” e “Quero ir de novo”. É de destacar uma criança que fez questão de sublinhar que adquiriu conhecimento através da experiência do piano. Na maioria, as crianças afirmam ter aprendido novas músicas e uma delas afirma que não só aprendeu muitas músicas, mas também aprendeu a esperar pela sua vez. Esta última aprendizagem diz respeito ao jogo, devido às diversas regras impostas pelo pai da C9, que faziam com que tivessem de esperar pela sua vez, para conseguir jogar.

O jogo é uma função primordial na vida da criança (Moreira, 1999) e tem sido considerado essencial na educação de infância, pois é através dele que a aprendizagem ocorre naturalmente e onde ela tem um significado particular para a criança (Spodek, 2002). Como corrobora Lopes (2000), quando o jogo é utilizado como uma prática pedagógica, torna-se um elemento enriquecedor para desenvolver a aprendizagem e contribuir com o progresso das competências. Desta forma, é possível promover não só o desenvolvimento social, emocional e cognitivo, mas também desenvolver as competências do pensamento, da criatividade, da imaginação, da interpretação, da intenção, da motivação e da socialização.

As “Regiões”, indicador definido na presente subcategoria, corresponde aos conhecimentos que, na opinião das crianças, obtiveram com a realização das atividades sobre o Brasil e a Índia. Na do Brasil, acresce que as crianças iam comentando: “Nesta foto estão as duas bandeiras, a do Brasil e a de Portugal”, “Antigamente no Brasil os índios falavam tupi” e “Antigamente os portugueses falavam latim”. Nesta perspetiva, acreditam ter aprendido onde fica o Brasil, onde viveu Pedro Álvares Cabral e onde este terá castigado os assassinos. Quanto à Índia afirmaram ter aprendido muitas coisas. Durante a atividade detetámos expressões como: “Olha as caravelas”, “Também está ali o leme e a bússola” ou “Aquilo é a bandeira da ordem de Cristo, dos descobrimentos”. É de salientar, ainda, que três crianças declaram que aprenderam muito com as duas atividades, mais especificamente, onde fica o Brasil e a Índia, “coisas” sobre os descobrimentos, bem como novas aventuras.

No que concerne ao indicador das experiências, é de ressaltar que quatro crianças mostraram a sua satisfação pela aprendizagem realizada com as mesmas, uma declara que aprendeu que as experiências são muito divertidas e uma outra ressalva que as experiências têm de ser feitas com o auxílio de um adulto. Posteriormente, com a presença de dióxido de carbono em todas as experiências, proporcionou-se uma conversa sobre o meio ambiente, durante a qual se captou um pequeno diálogo, entre as crianças, sobre a pegada ambiental:

“- Aquilo é uma pegada?

- Eu quero deixar uma pegada pequenina no planeta

- Ah, eu quero deixar uma muito grande

- Não podes, porque se for muito grande, é mau para o nosso planeta”.

Este diálogo, mostra as aprendizagens realizadas com as experiências, mas também do conhecimento que a mãe da C20 tentou equacionar com o grupo sobre o meio ambiente.

Os conhecimentos adquiridos através dos truques de magia, estimularam no grupo a vontade de aprender, o envolvimento, a curiosidade e obteve um efeito surpresa – e.g., “Ah, a bola apareceu no bolso”, “A carta desapareceu e apareceu outra” e “Foi mesmo magia”. É de tomar em linha de conta que duas crianças garantiram ter aprendido truques de magia.

Por fim, as “coisas” novas assinaladas por duas crianças, a C1 e a C4, referem-se às diversas atividades que foram concretizadas no jardim de infância, neste caso, a atividade do Brasil, da Índia, da música, das experiências, da magia e da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação surge da curiosidade que senti em perceber como era a relação entre o jardim de infância e a família definindo a seguinte questão de partida “Como posso promover uma maior articulação entre o jardim de infância e a família?”.

Desta forma foram formulados cinco objetivos: conhecer a relação entre o jardim de infância e a família; identificar as estratégias que os educadores usam (e podem usar) para articular as famílias com o jardim de infância; implementar estratégias que facilitem um maior envolvimento das famílias no jardim de infância; compreender como se sentem as famílias ao participar nas atividades e que importância atribuem a esta participação; e, finalmente, avaliar a perceção das crianças sobre as atividades proporcionadas pelas famílias.

Através da observação foi possível analisar e conhecer não só como era o funcionamento do jardim de infância, mas também a sua relação com as crianças e as famílias. O segundo objetivo foi fundamental, dado que fiquei a conhecer não só quais as estratégias que a educadora utiliza com frequência para que esta relação seja trabalhada diariamente, mas também a sua conceção do papel da família no jardim de infância. Para melhorar esta relação e com a informação recolhida com a entrevista realizada à educadora, foi possível desenvolver um projeto recorrendo a diversas atividades e estratégias. Por fim, o quarto e o quinto objetivo permitiram analisar a conceção das famílias, relativamente ao que sentiram e que importância atribuíram à sua participação, bem como das crianças sobre as atividades proporcionadas pelos familiares.

Inicialmente a observação foi essencial, mas revelar-se-ia importante ao longo de todo o projeto, na medida em que foi uma técnica utilizada do início ao fim da intervenção. É de tomar em linha de conta que “a observação é um processo fundamental que não tem um fim em si mesmo, mas que é subordinado ao serviço dos sujeitos e dos seus processos complexos de atribuir inteligibilidade ao real, fornecendo os dados empíricos necessários a posteriores análises críticas” (Dias, 2009, p.176). Permitiu observar, desde o início, como é que a instituição envolvia as famílias e como é que estas se implicavam na instituição. Esta participação no jardim de infância era frequente, contudo devido a alguns obstáculos, as famílias sentiam muita dificuldade em acompanhar da forma que desejavam.

A par com a revisão de literatura, a entrevista à educadora permitiu compreender que os obstáculos são a incompatibilidade de horários, mas também muito presente, a insegurança dos pais, uma vez que alguns não se sentem à vontade para o fazer. A mesma revela que a participação das famílias é fundamental, uma vez que contribuem com os seus saberes e competências, acabando por enriquecer os contextos de aprendizagem e evidencia que a estratégia fundamental para esta relação é, sem sombra de dúvida, a comunicação.

Com os dados recolhidos sobre todas as estratégias que a educadora utiliza para que esta relação seja melhorada, planifiquei e encetei toda a intervenção utilizando diversas atividades e estratégias com o intuito de aproximar cada vez mais o jardim de infância e a família. A minha intervenção esteve bastante adesão por parte das famílias, uma vez que se mostraram sempre muito recetivos, tanto a querer desenvolver as atividades, como também a dar um feedback muito positivo relativamente a algumas estratégias que consegui proporcionar.

Na análise da entrevista realizada aos familiares constatou-se que, apesar das famílias mencionarem a satisfação no decorrer da atividade, admitiram que experimentavam alguma ansiedade. Ansiedade que, como assinalado na análise das entrevistas, traduzia para os familiares posicionamentos quase diametralmente opostos e que se definiu como positiva e negativa. Para uns, constituiu um estímulo para uma preparação cuidada antes da concretização da atividade na sala do Jardim, ao invés, outros viveram uma ansiedade que os constrangeu e, de certo modo, os impediu de se libertarem e usufruírem, totalmente, da experiência. Posições que, pelo menos aparentemente, não são totalmente consensuais, uma vez que para alguns, participar é fundamental não só para a satisfação e o bem-estar da criança, promovendo interações entre a família e o grupo, mas também para a sua aprendizagem, pois a atenção e o interesse na atividade proporcionada vai ser diferente. Para outros, esta relação é positiva, no entanto, deve ser ponderada, isto é, deve ocorrer de forma menos ocasional uma vez que as crianças têm de resolver os seus problemas sem a proteção e a intromissão das famílias, apenas com o auxílio dos amigos ou educadores, de forma a criar uma identidade própria. Para diminuir este grau de ansiedade o diálogo é fundamental para criar uma maior proximidade e confiança. Assim, a partilha de ideias

com as famílias torna-se primordial, uma vez que os educadores podem e devem apoiá-las na sua participação, convidando-as a acompanhar o dia a dia no jardim de infância demonstrando a forma como atua com o grupo e permitindo a entrada na sala de aula espontaneamente, sem qualquer entrave. Este aspeto veio corroborar a ideia de Marques (2001), que afirma que os educadores devem apoiar as famílias para que estas se sintam mais confiantes na sua intervenção.

Da perspetiva das crianças podemos constatar que gostam que as famílias participem e têm muita vontade que proporcionem algum momento, embora certas crianças tenham a noção que os que não vão é porque não podem ou têm trabalho. As atividades que mais gostaram foram as mais práticas e as que tiveram mais ação, a que menos gostaram foi a atividade mais expositiva e menos interativa.

As atividades lúdicas representam múltiplas possibilidades para a criança, na medida em que proporcionam diversas oportunidades, nomeadamente a nível da autoconfiança. Os momentos lúdicos permitem adquirir novas habilidades assim como praticar, imaginar, criar, experimentar e interagir. Deste ponto de vista, é permitido à criança conhecer-se e valorizar-se a si própria, descobrindo as suas potencialidades e limitações (Moyles, 2006). Desta forma, é de salientar que se os momentos lúdicos forem mais dinâmicos, a criança envolve-se mais intensamente, mostrando-se mais participativa e interessada, ao passo que se a atividade for mais expositiva e menos dinâmica, as crianças vão mostrando cansaço, desinteresse e aborrecimento, acabando por desmotivar e perder o estímulo.

Todos os objetivos foram, de um modo geral, cumpridos e de certa forma, o projeto que desenvolvi foi não só benéfico para a minha formação enquanto futura educadora, mas também para a instituição, as famílias e as crianças, uma vez que consegui essa aproximação. Note-se que a intervenção que realizei, deve ser contínua, visto que esta relação precisa de ser melhorada e incentivada no dia a dia, na medida em que, validando a posição de Simões (2009), ambos contribuem para a educação da mesma criança e, desta forma, a responsabilidade deve ser partilhada.

A indisponibilidade das famílias, em larga medida pelas dificuldades provocadas pelos horários de trabalho, foi, muito provavelmente, a limitação mais

significativa com que me debati durante a minha intervenção. Este foi sem dúvida um obstáculo, uma vez que a maior parte manifestou interesse e vontade em participar no jardim de infância, justificando, porém, que não tinham a possibilidade devido à incompatibilidade de horários. Deparei-me com este aspeto no início da minha sequência didática e, para o tentar combater, possibilitei às famílias um horário totalmente flexível, dentro do horário de jardim de infância, podendo escolher o dia e a hora. Através desta escolha, é possível verificar que as atividades acabam por estar dispersas pelos meses da intervenção, sendo que quatro foram proporcionadas em maio e, duas em julho. No entanto, as atividades foram proporcionadas ao grupo pelos familiares e todas as estratégias planificadas foram colocadas em prática.

Relativamente às limitações do estudo, estas prendem-se com o facto de não ser uma proposta generalizável, visto que a intervenção foi planificada para uma determinada população, neste caso, para o grupo de crianças e famílias em específico, no presente estudo. Por esse motivo, mas não só, a temática é merecedora de atenção e de escrutínio científico em diferentes perspetivas. Desde logo, pelo viés do conhecimento das famílias, justificando-se, na minha perspetiva, um outro estudo de aproximação às crenças, aos costumes, às tradições, enfim, à cultura das famílias de um grupo de crianças e, consequentemente, avaliar se esses aspetos interferem, ou não, na relação que estabelecem com a instituição e em que medida esse conhecimento pode nortear a ação do Jardim na educação das crianças, em geral, e na aproximação em relação aos familiares. Perspetivas e (outros) caminhos para novos projetos, nomeadamente, tentar conhecer melhor a criança e a família onde está inserida, uma vez que compete à instituição e aos educadores, adequar toda a prática, e corroborando a posição de Hohmann e Weikart (2009), compreender e respeitar as famílias para que se sintam encorajadas e verem-se como membros fundamentais para participar no jardim de infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, N. (1993). A participação dos encarregados de educação na direcção das escolas. *Inovação*. Vol. 6, n.º 2, pp. 131-155.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação - Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores.
- Almeida, L. & Freire, T. (2003) *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Assembleia da República. (1987). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Lisboa: Divisão de Edições.
- Barbour, R. (2009). *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed.
- Bell, J. (2002). *Como realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. Washington: APA.
- Cohen, L. & Manion, L. (1989). *Research Methods in Education*. London: Routledge.
- Conselho Nacional de Educação (2004). *Seminário Educação e Família*. Lisboa: C.N.E.
- Costa, A. (1992). *Sociologia*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Davies, D. (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: realidades e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Departamento da Educação Básica (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Dias, C. (2009). Olhar com olhos de ver. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. n.º 43, 2009, pp. 175-188.

Duru-bellat, M. & Van-Zanten, H. (1992). *Sociologie de L'École*. Paris: Armand Colin.

Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Fernandes, M. (2011). *Envolvimento da Família na Educação de Infância: Algumas Potencialidades*. Universidade do Minho: Instituto de Educação.

Flick, U. (2009a). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Flick, U. (2009b). *Qualidade na Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Gerhardt, T. & Silveira, D. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Goodsir, K., & Rowell, P. (2010). Learning Stories – narratives of the complex ways that children learn. *Putting Children First*, Magazine of the National Childcare Accreditation Council, 35, 12-13.

Guzman, M. (2012). Quando as famílias entram na escola. *Cadernos de Educação de Infância*. n.º 97, pp. 16-19.

Homem, M. (2002). *O jardim de infância e a família: as fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ketele, J. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados: fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Killpatrick, W. (2006). *O Método de Projeto*. Viseu/Odivelas: Livraria Pretexto Editora/Edições Pedago.

Laville, C. e Dionne, J. A. (1999). *A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artmed. Editora: UFMQ.

- Lima, L. (1992). *A escola como organização e a participação na organização escolar: um estudo da escola secundária em Portugal (1974-1988)*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação.
- Lopes, M. G. (2000). *Jogos na Educação: criar, fazer, jogar*. São Paulo: Editora Cortez.
- Macbeth, A. (1984). *L'enfant entre l'école et sa famille*. Luxembourg: Office des publications officielles des communautés européennes.
- Macedo, R. (1994). *A família diante das dificuldades escolares dos filhos*. Petrópolis: Vozes.
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de colaboração, Jardim de infância/família*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de colaboração, Jardim de infância/família*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martínez, C. (2013). Participação na escola. *Infância na Europa*. n.º 24, pp. 26-27.
- Marques, R. (2001). *Professores, Famílias e projecto educativo*. Edições: ASA.
- Matos, M. (2012). Reuniões de pais e trabalho com famílias. *Cadernos de Educação de Infância*, 97, 47-50.
- Matos, M. (2017). Lançar redes em mar revolto: uma prática de trabalho com as famílias. *Cadernos de Educação de Infância*. n.º 110, pp. 18-21.
- Moreira, V. (1999). *A criança dos 2 aos 6 anos*. Porto: Âmbar.
- Mota, L., Ferreira, A. G. (2017). A Formação de Professores em Portugal no quadro do Espaço Europeu de Ensino Superior. *Revista Observatório*. Vol. 3, n.º 6, pp. 38-74.
- Moyles, Janet (2006). *A excelência do Brincar*. São Paulo: Artmed Editora.
- Nóvoa, A. (1992). *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote: Instituto de Inovação Educacional.
- Nunes, T. (2004). *Colaboração escola-família: para uma escola culturalmente heterogénea*. Lisboa: Acime.

Palos, A.C. (2002). “Ir lá para quê?...” Concepções e práticas de relação entre famílias e Jardins-de-Infância”. In: Lima, Jorge Ávila (Org.). *Pais e Professores um desafio à cooperação*. (pp. 211-249). Porto: Edições ASA.

Perry, J. (2002). “A música na educação de infância”. In Spodek, B. (Org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pires, E. (1987). *Lei de bases do sistema educativo. Apresentação e comentários*. Porto: Edições ASA.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação.

Silva, P. (2000). Os Pais e as Instituições Educativas. *Escola moderna*. n.10, pp. 5-10.

Silva, P. (2001). Os Pais na Escola. *Escola Moderna*. n.º 13, pp. 5-27.

Silva, P. (2002). “Escola-família: tensões e potencialidades de uma relação”. In Lima, J. (Org.). *A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica*. (pp. 97-132). São Paulo: Cortez Editora.

Silva, P. (2003). *Escola-família, uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de poder*. Porto: Afrontamento.

Simões, A. (2009). A Colaboração Jardim de Infância, família e comunidade? *Cadernos de Educação de Infância*. n.º 86, pp. 41-42.

Smyth, John. (1993) *A Socially Critical View of the Self-Managing School*. London: The Falmer Press.

Spodek, B. (2002). *Manual de investigação em educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vasconcelos, T. (2009). *Educação de infância no cruzamento de fronteiras*. Lisboa: Texto Editores.

Villas Boas, M. (2001). *Escola e família: uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Legislação consultada

Lei no. 46/1986 (1986, 14 de outubro). *Diário da República* 1.^a Série, 237, 3067 – 3081.

Lei no. 85/2009 (2009, 27 de agosto). *Diário da República* 1.^a Série, 166, 5635 – 5636.

Lei no. 65/2015 (2015, 3 de julho). *Diário da República* 1.^a Série, 128, 4572 – 4572.

Decreto-Lei no. 74/2006 (2006, 24 de março). *Diário da República* 1.^a Série, 60, 2242 – 2257.

Decreto-Lei no. 43/2007 (2007, 22 de fevereiro). *Diário da República* 1.^a Série, 38, 1320 - 1328.

Decreto-Lei no. 79/2014 (2014, 14 de maio). *Diário da República* 1.^a Série, 92, 2819 – 2828.

Decreto-Lei no. 65/2018 (2018, 8 de agosto). *Diário da República* 1.^a Série, 157, 4147 – 4182.

APÊNDICES

Lista de Apêndices:

Apêndice I – Carta às Famílias

Apêndice II – Guião da Entrevista à Educadora de Infância do Jardim de Infância da Casa da Criança

Apêndice III – Guião da Entrevista às famílias que participaram nas atividades desenvolvidas

Apêndice IV – Guião de Entrevista às crianças

Apêndice V – Matriz da Educadora

Apêndice VI – Matriz das Famílias

Apêndice VII – Matriz das Crianças

Apêndice VIII – Documentos para o Placar das Atividades

Apêndice IX – Narrativas de Aprendizagem

APÊNDICE I

Coimbra, 18 de abril de 2018

Assunto: Participação em atividades no Jardim de Infância

Aos pais e familiares das crianças do grupo da Teresa,

Como aluna do Mestrado em Educação Pré-escolar, na Escola Superior de Educação de Coimbra tenho, como tema de relatório final, “A relação escola/família no jardim de infância”, sendo o projeto de intervenção subordinado à seguinte questão de partida: “Como posso promover uma maior articulação entre o jardim de infância e a família?”. Neste contexto proponho-me realizar um conjunto de atividades que dependerão da vossa disponibilidade e boa vontade em envolverem-se e participarem, contribuindo para uma melhor cooperação no nosso grupo e permitindo-me realizar o meu relatório final.

Com esta carta venho, precisamente, averiguar da vossa disponibilidade e interesse em participar com alguma iniciativa a desenvolver com o grupo, nomeadamente, contar uma história, cantar, realizar uma atividade de culinária, partilhar algum jogo tradicional ou da vossa infância, dar a conhecer a vossa atividade profissional, entre outras.

Presentemente, o projeto dos “Descobrimentos”, centrado na descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral, uma parceria com a minha colega de estágio, encontra-se quase concluído. Neste âmbito, equacionámos a realização de uma dramatização que inclua os instrumentos de navegação construídos ao longo destes dois meses. No sentido de articular os dois projetos, gostaria de vos endereçar o convite para assistirem ao teatro da Viagem ao Brasil, que se irá realizar no dia 2 de Maio, por volta das 17:30h.

Agradeço, antecipadamente, a atenção dispensada.

Ana Rita Guilhermino da Silva

Pretende participar no projeto do meu relatório final?

Sim ☐

Não ☐

Se sim, que tipo de atividade pretende fazer e quando estaria disponível?

Gostaria de assistir à dramatização da viagem marítima ao Brasil?

Sim ☐ Não ☐

Para mais informações, não hesite em contactar-me pessoalmente ou pelo número:

██████████

APÊNDICE II

Blocos	Objetivos	Questões Orientadoras	Perguntas de Aferição
Legitimação e apresentação da entrevista	<p>Legitimar a entrevista e motivar a entrevistada;</p> <p>Garantir o anonimato e a confidencialidade.</p>	<p>Explicar à entrevistada o conteúdo da entrevista e qual o seu objetivo;</p> <p>Pedir à entrevistada a sua participação, pois o seu contributo é indispensável para o desenvolvimento desta investigação;</p> <p>Garantir que a entrevista é somente para uso exclusivo da realização do trabalho.</p> <p>Pedir permissão para gravar a entrevista).</p>	
Identificação da Educadora	<p>Conhecer o percurso académico e profissional da Educadora.</p>	<p>Qual o seu percurso académico?</p> <p>Como foi o seu trajeto profissional?</p>	<p>Em que escola estudou?</p> <p>Quais são as suas habilitações académicas?</p> <p>Em quantas instituições já trabalhou?</p> <p>Quanto tempo tem de serviço?</p> <p>Há quanto tempo é educadora neste jardim de infância?</p>

<p>Conhecer a conceção da educadora sobre o papel dos pais no jardim de infância</p>	<p>Caracterizar as estratégias e atividades de promoção da relação escola – família implementadas no Jardim de Infância;</p> <p>Conhecer de que forma os familiares participam na vida escolar dos filhos;</p> <p>Identificar o tipo de atividades em que as famílias mais participam;</p>	<p>Quando organiza o seu projeto curricular que importância atribui à relação com as famílias?</p> <p>De que forma promove o envolvimento da família na sala?</p> <p>Com que regularidade é que as famílias participam em atividades da sala?</p> <p>Existem famílias que não se deslocam ao jardim de infância?</p>	<p>Inclui atividades com as famílias?</p> <p>Tem em conta as opiniões das famílias?</p> <p>Como mobiliza o contributo e opinião das famílias?</p> <p>Que estratégias utiliza para aumentar a participação da família?</p> <p>Costumam participar regularmente?</p> <p>Há familiares que nunca participaram?</p> <p>Em que situações participam?</p> <p>Quais são as atividades em que os familiares participam mais?</p> <p>Sabe a razão?</p> <p>Conhece as razões?</p>
--	--	--	---

		<p>Que estratégias desenvolve para que estes familiares estejam mais presentes nas vivências dos seus filhos no JI?</p> <p>Que importância atribui às reuniões no início/final do ano letivo?</p>	<p>Será pela incompatibilidade de horários?</p> <p>Acha que uma das estratégias fulcrais para a relação escola/família seja a comunicação?</p> <p>Acha que deveriam realizar-se mais reuniões?</p> <p>Porquê?</p>
Finalização da entrevista	Recolher informações complementares; Conclusão da entrevista; Agradecimento pela participação.	Há alguma coisa que queira acrescentar às considerações que apresentou?	

APÊNDICE III

Blocos	Objetivos	Questões Orientadoras	Perguntas de Aferição
Legitimação e apresentação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados. Garantir o anonimato e a confidencialidade.	Explicar aos entrevistados o conteúdo da entrevista e qual o seu objetivo; Pedir aos entrevistados a sua participação, pois o seu contributo é indispensável para o desenvolvimento desta investigação; Garantir que a entrevista é somente para uso exclusivo da realização do trabalho. Pedir permissão para gravar a entrevista.	
Interação entre família e Jardim de Infância	Compreender como se sentem os familiares ao participar nestas atividades;	Gostou de desenvolver a atividade com o grupo? Como se sentiu no decorrer desta atividade?	Porquê? Foi estimulante para si?
Importância da participação da família nas atividades desenvolvidas no jardim de infância	Avaliar a participação das crianças na atividade. Conhecer a importância que a família atribui ao seu envolvimento e participação em atividades na sala do jardim de infância	Como é que avalia a participação/adesão das crianças à atividade que foi desenvolvida? E do seu filho(a)/ primo(a) em particular?	Acha que as crianças tiveram envolvidas? Porque considera isso? Acha que por ser parente, esteve mais ou menos envolvido na atividade?

		<p>De que forma considera ter contribuído para o desenvolvimento destas crianças?</p> <p>O que pensa sobre a participação dos pais nas atividades desenvolvidas no Jardim de Infância?</p> <p>Com este tipo de atividades, concorda que para além de se promover a relação escola – família, também se constroem aprendizagens nas crianças?</p>	<p>Porquê?</p> <p>Acha importante?</p> <p>Qual é a sua opinião?</p>
Finalização da entrevista	<p>Conclusão da entrevista;</p> <p>Agradecimento pela participação.</p>	<p>Há alguma coisa que queira acrescentar às considerações que apresentou?</p> <p>Obrigado pela sua disponibilidade para participar nesta atividade.</p>	

APÊNDICE IV

Blocos	Objetivos	Questões Orientadoras	Perguntas de Aferição
Legitimação e apresentação da entrevista	Legitimar a entrevista e motivar os entrevistados;	Explicar às crianças o conteúdo da entrevista e qual o seu objetivo; Pedir às crianças a sua participação, pois o seu contributo é indispensável para o desenvolvimento desta investigação;	
Interação entre pais e Jardim de Infância	Conhecer se gostam de receber as famílias para desenvolver atividades; Perceber se gostaram das atividades no geral; Avaliar quais as atividades que as crianças gostaram mais e quais as que menos gostaram.	Gostaram de receber as vossas famílias? Gostaram das atividades? Quais as atividades de que gostaram mais? De que atividades que gostaram menos? Acham que aprenderam alguma coisa?	Porquê? Gostavam que voltassem a repetir? De quais? Porquê? Porquê? Porque é que não gostaram tanto? O que?
Finalização da entrevista	Conclusão da entrevista; Agradecimento pela participação.	Há alguma coisa que queiram acrescentar às considerações que apresentou? Obrigada pelo vosso empenho e comportamento	

APÊNDICE V

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Perfil do Educador	Percorso Académico		<p>Iniciei educação pré-escolar em Trás-os-Montes e Alto Douro e conclui em Coimbra em 1992.</p> <p>Em 2006 fiz o Curso em Educação Complementar na Escola Superior de Educação de Coimbra.</p>
	Trajetó Profissional		<p>Acabei o curso em 1992, comecei a trabalhar, tive um ano de interregno, e trabalho para a Fundação Bissaya Barreto desde 1995.</p> <p>Iniciei na Sé Velha, numa Instituição de Solidariedade Social, onde permaneci dois anos. Entrei para a Casa da Criança Rainha D. Leonor onde estive 3 meses e em maio de 1995 entrei para a casa da Criança Rainha Santa Isabel, onde permaneço até agora.</p>
Relação com Família	Importância da Família	<p>- Educação</p> <p>- Jardim</p>	<p>O papel da família é muito importante. O projeto é pensado com as crianças em função dos seus interesses e claro a família está incluída também. Porque o jardim-de-infância e a família são dois contextos educativos que contribuem para a educação da criança, e porque a família é o principal responsável pela educação dos seus filhos, aos pais assiste o direito de conhecer, selecionar e colaborar ativamente na resposta educativa que desejam para os seus filhos.</p> <p>A colaboração dos pais, o contributo que dão com os seus saberes e competências, é uma forma de alargar e de enriquecer os contextos de aprendizagem que proporcionamos às nossas crianças. O papel dos pais enquanto fonte de informação para nós educadores é muito importante. Conhecer a realidade familiar da criança e trabalhar com os pais, é uma experiência enriquecedora para todos.</p> <p>A divulgação da Casa da Criança, funciona muito por transmissão de pessoas para pessoas, porque tiveram aqui os filhos, gostaram, sentiram confiança, transmitem aos outros. Não é uma casa que tenha divulgação na imprensa, ou que haja outro tipo de apresentação para o exterior. Chegam aqui muitas pessoas que dizem que não sabiam que existia aqui, um jardim de infância. Como não existe divulgação via imprensa, é muito por boca, por conhecimentos, de amigo passa a amigo.</p> <p>O trabalho com pais é muito importante e acho que envolver os pais e sentir que os pais estão envolvidos é uma mais-valia para qualquer jardim de infância, e se eles sentem essa confiança, sentem o à-vontade de entrar nas salas, em ver os trabalhos dos filhos, e existe essa confiança, saber o que se passa com os</p>

			<p>filhos, o que estão a aprender, o que estão a vivenciar é importante. Esta cumplicidade, este envolvimento é para nós gratificante, na medida em que os pais se tornam muito mais confiantes, porque também conhecem melhor o nosso trabalho, tornam-se mais cúmplices, enfim mais felizes o que faz com que o nosso trabalho seja de maior qualidade.</p> <p>Pais mais felizes, uma equipa motivada e crianças envolvidas, são para nós sinónimo de um contexto de alta qualidade que foi, é, e será sempre o objetivo que pretendemos alcançar.</p>
	Participação no Jardim de Infância	- Estratégias de Incentivo à Colaboração	<p>O projeto é apresentado aos pais no início do ano letivo. São incentivados a participarem da vida e projetos da escola, ou melhor, no processo educativo. Seja através da participação em atividades diretas no jardim de infância, seja no exterior ou no trabalho deles. O papel da família tem, que ser perspectivado no sentido de um maior envolvimento com o jardim-de-infância. Criamos pontes de comunicação, de diálogo entre todas as famílias e a Casa da Criança, cujo interesse reverte, a favor da criança.</p> <p>Através da comunicação diária informal; das reuniões individuais de pais; das reuniões gerais de pais; das festas com a participação das famílias; e da colaboração das famílias nas atividades pedagógicas.</p> <p>Incentivando e convidando em situações específicas, por exemplo, na apresentação do projeto ficam sempre os registos e interesses dos pais e as suas expectativas e também se gostariam de participar e como. No desenrolar do projeto, ou entro em contacto direto com eles ou através dos recados pelos filhos. Normalmente peço a colaboração dos pais para em casa realizarem um trabalho com os filhos (seja na recolha de informação, pesquisa, ou conforme os assuntos, um trabalho em plástica). Este ano pedimos a colaboração dos pais para escolherem ou fazerem com os filhos um poema relacionado com cada estação do ano, que depois foi trabalhado em grupo.</p> <p>Normalmente todos os anos pedimos a colaboração dos pais. O ano passado pedimos a ajuda dos pais na procura de lendas, noutros anos foi através de livros e revistas. Há sempre um intercâmbio e uma convivência, mesmo que não seja intensa, constante, como foi estas semanas com as atividades das famílias, vêm espaçadamente quando podem. Neste grupo já participaram diretamente, o pai da criança 9, o pai da criança 15, a mãe da criança 20, a mãe da criança 3 e a mãe da criança 21. Há outros que manifestaram o desejo de participar, mas os horários são complicados para eles.</p>

		- Como Colaboram	<p>Quando eles não podem vir às reuniões, eu costumo enviar por email o resumo da reunião e os pontos tratados. Não vejo que haja falta de interesse, vejo é que muitas vezes é falta de disponibilidade.</p> <p>Normalmente os pais colaboram, dão sugestões, há sempre um ou outro que nas reuniões não se manifesta, mas mais tarde apresenta as suas sugestões e o desejo de participar. E gostam, gostam muito. Há pais que não têm disponibilidade, é muito difícil, os horários não são compatíveis com os horários do jardim de infância, mas normalmente manifestam sempre interesse em participar, e gostam.</p> <p>As atividades que promovem? Depende muito, com este grupo foi muito variado. Talvez seja mais usual, contar histórias, a culinária, mas no caso desde grupo foi tudo muito diferente. Há pais mais ligados ao desporto e aí acontece outro tipo de atividades, mas é mais frequente contarem histórias.</p>
		- Grau	<p>É variável, há anos em que participam mais do que outros. Depende essencialmente da disponibilidade dos pais. Pais mais disponíveis, mais contribuem com a sua participação. Alguns não participam porque não se sentem à vontade, pois os que são mais reservados sentem mais dificuldades. Mas participam muito, nem que seja nas festas, e isso é outro tipo de participação dos pais na escola, mas que também é muito importante, pois permite uma relação mais estreita entre famílias e família/educadora.</p> <p>Cada vez mais, nos dias de hoje. Às vezes não conhecemos o pai, pois vem uma vez num ano ou duas, mas é por questões mesmo de trabalho, não é de falta de ligação por vontade. Pelo facto de trabalharem fora, só veem ao fim de semana, e é difícil.</p> <p>Propriamente estratégias para eles virem mais ao jardim de infância, eu não posso dizer que tenha razão de queixa, que eles não venham, porque os que não vêm eu sei porque é que não vêm, e normalmente nas reuniões praticamente estão todos presentes, e se não está pai e mãe, está um representante.</p>
		- Início de Ano	<p>São muito importantes. Na primeira reunião, eles estão sempre ansiosos e na expectativa do que é que os filhos vão vivenciar durante o ano letivo e essa reunião é sempre importante, também para perceber o lado dos pais, a expectativa deles, se gostam do projeto, se o projeto tem interesse, é sempre importante.</p>

	Reuniões	<p>- Trimestrais</p> <p>- Fim de Ano</p>	<p>Para além das reuniões de início e de final de ano, e das reuniões individuais de avaliações trimestrais, existem as reuniões individuais. No horário semanal, existe uma hora, para receber os pais, em que eles podem marcar uma reunião comigo sempre que precisarem.</p> <p>No final o feedback do que foi feito, o que é que os filhos vivenciaram/ aprenderam. Acho que é importante, muito importante. As reuniões são sempre importantes, para melhor compreender o contexto em que a criança se insere.</p>
--	-----------------	--	---

APÊNDICE VI

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Atividade	Desenvolvimento		<p>Bem, apenas houve alguns problemas técnicos, que poderia ter sido desenvolvido de uma outra forma, mas muito bem, porque eles estavam muito atentos. Apesar de ser um momento um pouco mais expositivo, não foi tão interativo, no sentido que eles tivessem também a colaborar diretamente, embora tivessem colaborado no fim, mas penso que foi bom. (E1)</p> <p>Foi um bocadinho, juntar mais uma peça a tudo o que eles já tinham vindo a desenvolver até aqui, nomeadamente o teatro que eles fizeram, e depois mostrar onde o Pedro Álvares Cabral morou uma boa parte da sua vida, onde é que as pessoas o podem ir ver ainda hoje, como é que isso se relaciona com o Brasil, como é que é essa interculturalidade, pois Coimbra tem uma estrutura que se liga muito a Santarém nesse sentido. (E1)</p> <p>Acho que foi se calhar uma forma diferente deles perceberem esta questão da história. Há uns dias eu falava disso com uma prima minha, que tem 16 anos, e não gosta muito de história e ela dizia que se calhar se tivesse tido atividades no infantário mais lúdicas, que ligassem a parte histórica, história de Portugal ou não, dependendo do que se queira fazer, juntamente com jogos e com atividades, se calhar o gosto dela pela história seria outro. Acho que a minha ideia foi também dizer-lhes que podemos aprender história a brincar e acho que foi esse o principal objetivo e acho que sim, é importante para eles perceber que não é só o ouvir, é também o participarem de uma forma diferente. (E2)</p> <p>Enfim, trouxe-lhes um momento espero eu que se tenham divertido (E3)</p> <p>Foi mais difícil a parte em gerir o facto de todos quererem participar, e tentar prestar uma atenção focalizada a todos. (E4)</p> <p>Foi um contributo humilde, mas daí no final querer ter feito a ponte. Vir só fazer experiências só por fazer acho que não tem muito interesse, ou melhor, tem interesse, a curiosidade é sempre muito interessante explorar, mas acho que temos sempre de tirar um denominador comum da brincadeira. Daí depois a ponte com o dióxido de carbono e com</p>

			<p>a intervenção no meio ambiente. Acho que isso fez sentido para mim e penso que para as crianças também. (E4)</p> <p>Foi fantástica. Por acaso estava com um bocadinho medo que eles dispersassem. Acho que a quarta experiência foi um erro pois já estavam no limite deles, mas foi fantástico. (E4)</p>
	Sentimento		<p>Senti-me bastante bem, sim. (E1)</p> <p>Gostei muito, é sempre muito gratificante perceber como eles recebem tão bem tudo aquilo que as pessoas querem ensinar e mostrar, foi muito bom. (E1)</p> <p>Sim gostei muito. Eu tenho algum jeito para crianças, mas nunca tinha feito uma atividade para crianças tão pequenas, e pronto, no fundo para alguém que fizesse parte da minha família. (E2)</p> <p>É uma faixa etária que eu não estou habitada a lidar com um número tao grande e que nem sempre é fácil de os tentar acalmar. Mas sim gostei muito, foi estimulante perceber até que ponto é que eles conseguiam chegar para criar a história, perceber as diferentes formas que tinha que fazer para eles também conseguirem perceber o que é que eram as imagens, o que não eram as imagens. Foi estimulante, desafiante, foi muito bom. (E2)</p> <p>Sim, gostei. São um grupo simpático, são meninos que estão tranquilos e com a vossa ajuda também ajudaria a controlar qualquer dificuldade de comportamento, mas estavam tranquilos, estavam interessados e penso que gostaram. (E3)</p> <p>Senti-me bem. Não estou acostumado a dar aulas assim a meninos pequeninos, só a partir do 1º ano, portanto foi uma experiência engraçada. (E3)</p> <p>Porque gosto muito de estar com crianças também. (E4)</p> <p>Senti me à vontade. As vezes é um desafio, porque são muitos meninos, e todos muito diferentes. Mas foi um desafio, foi engraçado. (E4)</p> <p>Sim, gostei, gostei bastante. (E5)</p> <p>Não. Eu gostei muito de participar, acho que sim. Já há muito tempo que tinha vontade de participar, pois acho que isto realmente é muito importante, estas participações da família na escola, mas sempre como eu disse, sem cair em excessos, nem pecar por defeito, nem</p>

			<p>pecar por excessos, tudo com a sua moderação. Gostei muito de participar. (E5)</p> <p>Sim, gostei muito desta experiência e gostava de repeti-la mais vezes. É uma ideia que podíamos desenvolver e fazer mais no futuro com outro tipo de histórias que podemos escrever e com outros grupos de crianças. (E6)</p> <p>Senti-me gratificada, que estava a fazer algo que era benéfico. (E6)</p>
	Ansiedade	<p>Positivo</p> <p>Foi estimulante porque exigiu uma preparação prévia, eu tive que preparar-me, tive que andar a ler e perceber como é que se fazem truques de magia para depois isto parecer realmente um truque de ilusionismo. Sim tive que me preparar atempadamente sim. (E5)</p> <p>Negativo</p> <p>Senti-me bem, lá está um bocadinho insegura no início, é natural. (E2)</p> <p>Oh, ao princípio senti-me um bocadinho nervosa porque não sabia como é que os meninos iam reagir, e depois como estava a fazer uma atividade de truques não é, tinha que fazer de maneira a que as crianças não percebessem como é que as coisas funcionavam. (E5)</p>	
Crianças	Envolvimento		<p>Acho que ficaram envolvidas, acho que ficaram muito interessadas. Eles já estavam entusiasmados pelo tema, já tinham feito atividades do Pedro Álvares Cabral. (E1)</p> <p>Foi por esse meio que eu acho que eles já estavam entusiasmados e ainda ficaram mais, por saberem mais coisas ainda, que quiseram também mostrar que já sabiam muitas coisas, participaram muito, eu achei que eles participaram bastante. (E1)</p> <p>Falaram muito sobre aquilo que eles já sabiam, que o Pedro Álvares Cabral quando lá chegou viu os índios, que os índios não falavam português, mas que os portugueses falavam o latim, que fizeram uma missa, através da representação do teatro, pelo que foram desenvolvendo no teatro, gostaram de ver que na casa do Brasil em Santarém tem um quadro que representa exatamente essa missa. Acho que eles gostaram também muito de ver que aquilo que eles fizeram, está representado em vários sítios. (E1)</p> <p>Foi engraçado primeiro porque acho que há várias crianças ali naquele grupo</p>

			<p>com capacidades totalmente diferentes, e não sei, acho primeiro foi bom para eu conseguir repensar um bocadinho e lembrar-me de algumas coisas em termos de história, da apresentação que fiz, mas também porque achei que foi algo interativo, e que eles também participaram e mostraram algum interesse. Gostei muito. (E2)</p> <p>De uma forma muito positiva. Eles não me conheciam, se calhar podiam estar um bocadinho receosos, e achava que eles até podiam estar mais receosos, mas não, acho que foi de uma forma muito positiva. Eles conseguiram participar, foram procurando as imagens, entretanto na altura, quando foi para colar queriam ser eles, é sempre a questão de ser os primeiros, mas iam sempre participando, dizer o que é que era, o que é que não era, para que é que servia foi muito positivo, mas lá está, é como tudo, temos crianças com umas capacidades diferentes das outras e as faixas etárias deles também são diferentes, e portanto temos de tentar estimular e acompanhar essas faixas. (E2)</p> <p>Foi boa. A maioria deles participou com agrado, um ou outro estava um bocadinho mais envergonhado, mas acho que é normal. Se houvesse mais atividades, ao fim da terceira, quarta, quinta, já estariam melhor. (E3)</p> <p>Sim, e também ao serem outras pessoas a participar, vai-se monitorizando a atenção das crianças de outra forma. (E4)</p> <p>Porque para já é um grupo que se interessa, maioritariamente finalista e notava-se que estavam interessados na exposição que eu ia apresentar. (E5)</p> <p>Eu achei que eles foram todos muito participativos. Eu até tinha dificuldade em arranjar um voluntário, porque todos eles queriam ser voluntários. Eu fazia mal a pergunta, porque eu se calhar nem devia perguntar, devia logo dizer olha pode ser aquela menina, porque se vou perguntar quem quer ajudar, todos queriam ajudar. (E5)</p> <p>Sim, claro que sim, as crianças mostraram-se bastante atentas, interessadas e trouxeram coisas novas para a história com a participação deles. (E6)</p>
--	--	--	--

			Foi bastante participativa, foi muito boa. Eles estavam muito atentos, muito motivados e estavam felizes também. (E6)
	Aprendizagem		<p>Penso que talvez, não quero estar a dizer que o desenvolvimento cultural deles ficou maior ou mais enriquecido, mas efetivamente culturalmente, adquiriram mais umas peças para integrarem naquelas que eles já iam tendo e eu penso que de certa forma, tentei também enquadrar o tema, nomeadamente e sempre referenciando, Coimbra e Santarém, onde se enquadrava esta figura histórica no nosso país, geograficamente inclusive. Acho que, em termos culturais, contribuí um pouco para o desenvolvimento cultural deles, penso que sim, mas o tempo dirá. (E1)</p> <p>Sim, sim constroem-se. Cria-se um laço diferente também com a nossa família. Acho que ficamos mais próximos, seja do familiar que lá vai, até porque depois queremos mostrar aos outros amigos, “ai foi lá a minha prima, a minha amiga, o meu pai fazer esta apresentação” ficamos sempre orgulhosos enquanto crianças e queremos sempre aprender mais, estimulamos outros pais a fazerem o mesmo, porque as crianças chegam a casa e dizem “ai foi lá a mãe do João, do Manuel” e depois acabam por estimular outros pais a fazer o mesmo para a criança também se sentir feliz, e acho que estimula muito as crianças e a aprendizagem delas. (E2)</p> <p>Assim uma contribuição decisiva para o futuro delas, penso que não. Posso ser que tenha despertado algum interesse pela música em alguma delas, mas só com uma aula não sei. (E3)</p> <p>No sentido de estimular a imaginação delas. Há uns truques mais difíceis, que eles não conseguiram, mas os mais simples começaram a estimular a imaginação, pois começaram todos a tentar a adivinhar como tinha feito para acontecer aquilo daquela maneira. É estimular a capacidade para eles conseguirem ver que aquilo é parecer uma coisa que não é, portanto houve meninos que conseguiram ver como eu tinha feito no último truque. (E5)</p> <p>Portanto se eles aprenderem um truque de magia e conseguirem fazê-lo, para</p>

			<p>eles é fascinante, ou um miúdo de 5 anos ou 6, aprende a dar um nó para eles aquilo é espetacular e ainda o dia todo a dar nós porque descobriu uma coisa nova que não era capaz de fazer até ali. Eles estão numa constante aprendizagem e, portanto, tudo o que seja experiências enriquecedoras, sejam atividades lúdicas, manuais ou científicas, para eles é tudo fascinante porque aqueles cérebros estão a aprender, são autênticas esponjas. (E5)</p> <p>Os problemas que surgem na escola entre socialização, entre criar a sua própria autonomia, entre dificuldades de cooperação entre eles, e às vezes as guerrilhas, isso tem que ser resolvido entre eles com a ajuda dos professores e das pessoas que estão a trabalhar com eles. Nós não podemos estar lá sempre para os defender, eles vão ter que aprender a defender-se sozinhos, e, portanto, a nossa intervenção nestas atividades lúdicas, sim, com moderação, porque é para criar aquele ambiente familiar, que nós pais estamos atentos, que gostamos da escola e dar o exemplo, é interessante, mas com moderação. (E5)</p>
	Comportamentos Familiares	Entusiasmo	<p>O filho em particular, eles ficam sempre mais reservados, porque são os pais, é a Mãe que está a ver, e então penso que ele apesar de tudo participou. Se bem me lembro ainda interveio duas ou três vezes, e até muito bem, com coisas que ele já sabia, com coisas que ele aprendeu convosco no teatro, com coisas que ele viu em Santarém, porque ele foi visitar os locais, e acho que ele estava muito entusiasmado, porque ele estava a gostar muito de ver ali a mãe por um lado, e por outro de falar com os colegas que também teve naquele local e sabia muitas coisas. (E1)</p> <p>Claro, porque acima de tudo, a criança 20 estava muito emocionada com o facto de ter vindo. Ela tinha me pedido para vir. (E4)</p> <p>Acho que ela teve interessada, mas foi um pouco confiar na aptidão dela para perceber que ela tinha o jogo em casa e podia fazer, e dar a vez a outros meninos. Mas acho que correu bem, e claro que ela queria fazer mais e estar mais interventiva, mas acabou por perceber que os amiguinhos dela tinham oportunidade de fazer uma</p>

		<p>Timidez</p> <p>experiência que é dela. Mas acho que nesse sentido foi interessante. (E4)</p> <p>Esteve mais tímida, e por outro lado também estava a querer mais atenção. Eu tentei que não, mas não foi fácil. (E6)</p> <p>Casa</p> <p>Durante a atividade esteve normal, penso eu, nem mais envergonhada nem menos. Em casa é que queria dar sugestões das coisas que poderíamos fazer. Queria fazer jogos, queria esconder coisas, mas lá lhe expliquei que não seria bem assim. Acabou por sugerir uma ou duas músicas que cantámos. (E3)</p> <p>Porque já fizemos alguns em casa, então ele estava muito familiarizado e, portanto, queria ajudar, intervir, saltar para cima de mim como se tivesse em casa. De todos os meninos, ele era o que estava mais liberto, digamos assim. (E5)</p> <p>Distraído</p> <p>Durante a atividade esteve normal, penso eu, nem mais envergonhada nem menos. Em casa é que queria dar sugestões das coisas que poderíamos fazer. Queria fazer jogos, queria esconder coisas, mas lá lhe expliquei que não seria bem assim. Acabou por sugerir uma ou duas músicas que cantámos. (E3)</p> <p>Porque já fizemos alguns em casa, então ele estava muito familiarizado e, portanto, queria ajudar, intervir, saltar para cima de mim como se tivesse em casa. De todos os meninos, ele era o que estava mais liberto, digamos assim. (E5)</p>	
Participação da Família	Importância	<p>Satisfação da Criança</p> <p>É importante sim, os pais participarem, até porque as crianças ficam muito contentes. (E1)</p> <p>Eu penso que é muito bom e devia de haver mais iniciativas desse tipo de atividades, é muito bom esta interação e eles ficam muito felizes. (E6)</p> <p>Desenvolvimento</p> <p>Acho que é muito importante. Cada vez mais nós vemos que as crianças estão muito ligadas ao mundo virtual, mesmo na idade deles e que só querem ver desenhos animados ou só querem mexer nos telemóveis, nos tablets, e as famílias muitas das vezes porque estão cansadas, ou porque não têm tempo,</p>	

			<p>porque têm outros afazeres como costumamos dizer, em casa, acabam por se desligar um bocadinho daquilo que são as atividades das escolas, e acho que é muito importante e devia haver mais participações por parte dos pais, familiares, porque só quando nós estamos no mundo deles, não é, que é onde eles passam cerca de 8/9 horas diárias, é que nós percebemos o que se passa ali. Acho que é cada vez mais importante haver estas atividades, até porque como se costuma dizer, quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto, portanto podemos sempre criar formas diferentes de participar e acho que é muito importante e ajuda o desenvolvimento da criança e das outras pessoas também, não só do filho, mas também das outras crianças. (E2)</p> <p>Acho que sim, porque nestas idades tudo serve para aprender, até as coisas mais simples. Eles estão numa constante evolução e qualquer coisa simples para eles é uma agradável surpresa, porque eles conseguem aprender a fazer qualquer coisa de novo, para eles é extraordinário. (E5)</p> <p>Sim claro que sim. Penso que isso é algo que é muito motivante para elas, verem os pais envolvidos, é como se puxasse mais por elas, não é algo que passa despercebido, e acho que marca, porque é assim “estão ali os meus pais, estão a contar uma história” e elas sentem-se importantes porque estão ali os pais, não é importantes no sentido de eu sou importante, mas no sentido que os pais dão-me atenção, estão aqui, fazem isto para nós. Então é algo bom porque fortifica as relações entre familiares. (E6)</p>
		Enriquecer	<p>Acho que é importante. Vi que foi afixando alguns resumos de outras atividades e estive a ler um ou outro e pareceram-me bastante interessantes, acho que sim, que podem enriquecer. (E3)</p> <p>Se o estímulo for diferente, acho que a atenção também acaba por ser mais focalizada. Se for sempre a mesma pessoa, elas podem dispersar um pouco mais e se forem pessoas diferentes e com um laço afetivo, acho que acaba por ser muito interessante porque de</p>

			<p>alguma forma diversifica o estímulo de aprendizagem. (E4)</p> <p>Penso que foi bom porque eles ouviram a história e depois escreveram as ilustrações da história, e penso que foi benéfico e útil porque desta vez nós fizemos os personagens da história, e então eles viram as personagens e foi mais fácil para eles imaginar a história, penso eu, foi benéfico porque puxou muito pela criatividade nesse sentido. (E6)</p>
	Relação Escola-Família		<p>Promove efetivamente a relação escola família, porque o pai ou a mãe ficam a conhecer um pouco melhor a escola, e a escola fica a conhecer um pouco melhor o pai ou a mãe que vai fazer essa mesma apresentação. Em relação a toda essa dinâmica escola família e esse desenvolvimento poderá ser essa via exatamente, essa participação dos pais na escola. Claro que há pais dependendo do tema, claro que aqui foi livre, cada um apresentou a forma que se sentia mais à vontade, é claro que se for alguma coisa imposta, talvez os pais se restrinjam um pouco mais. Depois também há essa problemática da ordem socioeconómica do trabalho, que dificultam muito os pais, não é que não queiram, mas não têm mesmo tempo e oportunidade para estarem um pouco mais presentes no jardim de infância. (E1)</p> <p>Acho que é importante. Pode haver restrições de horários dos pais, do pai ou a mãe poderem vir até à escola, pois por vezes é muito difícil, hoje em dia os horários não são fáceis de regular, as disponibilidades digamos. (E1)</p> <p>Sim penso que sim. Há pais que são especializados numa ou noutra área e podem trazer mais-valias que as educadoras no dia-a-dia não têm possibilidade de fazer, ou não trabalharam assim de forma tao especializada nessa área, portanto acho que sim, que enriquece a aprendizagem das crianças. (E3)</p> <p>Acho que isso é engraçado, eles perceberem que os pais estão mais presentes na escola. (E4)</p> <p>Acho que é muito importante. Acho que a escola e a família deviam tentar ser mais um, e em uníssono pensar na estratégia educativa para as crianças. Até porque, quer queiramos quer não,</p>

			<p>as crianças passam muito mais tempo com vocês do que connosco. Então a escola é de facto uma ponte muito importante para facilitar e ajudar na estratégia educativa comum. (E4)</p> <p>É assim, eu acho que a participação dos pais na escola, nestas idades é positivo desde que não seja com algum carácter rotineiro, porque na minha opinião eles também têm que desenvolver aqui uma identidade própria, e, portanto, nós não devemos estar sempre aqui a aparecer e a intervir. É natural que surjam dificuldades, mas nós devemos ter uma intervenção apenas quando é necessário. Estas participações nas atividades lúdicas e escolares é positivo se for esporadicamente, e positivo no sentido de que os outros meninos vêm a mãe, portanto dá para se familiarizarem mais, criar mais uma intimidade entre eles, perceberem que estão em família. Acho que nesse sentido é positivo perceberem que estamos aqui todos, que há uma interligação, agora tem que ser moderado. Eu sou um bocado crítica embora não tenha chegado a essa fase, mas acho que os pais são muito participativos, não só nesta fase, mas também nas fases seguintes, e isto tem coisas boas e coisas más. Acho que a participação dos pais tem que ser feita com moderação porque eles também têm que resolver os problemas deles com os amigos deles e com as professoras deles, e os problemas têm que ficar resolvidos quando forem dessa natureza, só uma situação muito grave é que terá que se extrapolar para fora. (E5)</p> <p>E pronto é gratificamente para os pais, participarem nas atividades escolares. (E5)</p>
Papel da Estagiária			<p>Só acrescentar que gostei do trabalho desenvolvido por vós, que facilitou muito a minha apresentação, pois eles já vinham com alguma ideia, e depois foi encaixar mais algumas peças do que eles já tinham visto. Como é tudo lúdico, é o aprender a brincar, eu acho isso fundamental pois eles brincam e aprendem ao mesmo tempo. (E1)</p> <p>Não acho que não, acho que foi um bom projeto, acho que é um bom tema e espero que tenha corrido tudo bem. (E3)</p>

APÊNDICE VII

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Presença da Família	Satisfação		Sim (C5) Eu gostei muito (C10) Sim (C15) Gostei muito e é muito importante (C9)
	Vontade		Porque assim eles ficam connosco (C10) Vou pedir ao meu pai porque a minha mãe não pode (C5) Vou pedir à minha mãe para vir mostrar o meu coelhinho (C10)
	Ausência		O meu pai não pode porque trabalha muito (C15)
Atividades	Satisfação		Sim (Todas as crianças)
	Mais Gostaram	- Mãe do C3 - Prima do C2 - Pai da C9 - Mãe da C20	Mãe do C3 porque gostei de aprender coisas sobre o brasil, porque a minha mãe é do brasil (C8) Mãe do C3 porque gostei muito dos navegadores (C3) Prima do C2 porque gostei de conhecer a índia e o vasco da gama, e me calhou uma fotografia com moedas douradas (C2) Prima do C2 e a mãe do António porque eram muito bonitas (C6) Prima do C2 porque tínhamos de procurar fotografias e calhou-me a lua (C4) Pai da C9 porque gosto de tocar piano (C5) Pai da C9 porque a primeira vez que toquei piano foi quando o pai da laura veio cá, e agora já me estou a habituar a tocar piano porque o meu vizinho tem um piano (C10) Pai da C9 porque gostei de estar sempre a dançar (C9) Pai da C9 porque aprendi muitas músicas (C13) Pai da C9 porque gostei de tocar piano (C18) Pai da C9 porque aprendemos muitas músicas, e tivemos músicas com jogos (C11) Pai da C9 e mãe da C20 porque gostei muito das canções e das experiências (C19) Mãe da C20 porque gosto muito de experiências (C12) Mãe da C20 porque gosto muito de experiências e tenho uma caixa parecida com experiências em casa (C16) Mãe da C20 porque gosto muito de experiências (C1) Mãe da C20 porque gostei das experiências (C21)

		<p>- Mãe da C16</p> <p>- Todas</p>	<p>Mãe da C20 porque eram experiências (C17)</p> <p>Mãe da C20 porque gosto de experiências e aprender experiências novas através dos jogos (C20)</p> <p>Mãe do C16 porque gostei muito dos truques de magia (C7)</p> <p>Todas porque foram todas muito divertidas (C15)</p>
	Menos Gostaram	<p>- Mãe do C3</p> <p>- Prima do C2</p> <p>- Pai da C9</p> <p>- Mãe da C20</p> <p>- Todas</p>	<p>Mãe do C3 porque não gostei mesmo (C5)</p> <p>Mãe do C3 porque tivemos muito tempo sentados, sem fazer nada e só a ouvir (C9)</p> <p>Mãe do C3 porque tivemos muito tempo sentados no chão (C15)</p> <p>Mãe do C3 porque tivemos muito tempo sentados (C17)</p> <p>Mãe do C3 porque foi muito chata, não gosto de estar muito tempo sentada (C20)</p> <p>Mãe do C3 porque fiquei o tempo todo sentada a apanhar seca (C19)</p> <p>Mãe do C3 porque estava muito sossegadinha (C12)</p> <p>Mãe do C3 porque tive muito tempo sentada (C4)</p> <p>Mãe do C3 porque não gostei muito do Brasil (C11)</p> <p>Prima do C2 porque fiquei muito tempo sentado e pensava que era para ficar com as figuras e não ficamos (C16)</p> <p>Pai da C9 e mãe da C20 porque não gostei muito de uma música, e não gostei de quando não era a minha vez a ajudar na experiência (C7)</p> <p>Pai da C9 porque os rapazes eram os últimos a dançar (C2)</p> <p>Pai da C9 porque tivemos muito tempo a aprender as músicas (C3)</p> <p>Mãe da C20 porque eram experiências (C13)</p> <p>Mãe da C20 porque gosto muito de experiências, mas eu ouvi que aquilo podia queimar as pessoas e talvez aquilo magoasse (C10)</p> <p>Mãe da C20 porque não gosto de experiências (C1)</p> <p>Mãe da C20 porque não gosto muito de experiências (C6)</p> <p>Gostei muito de todas (C8)</p> <p>Do que vi, gostei de todas (C21)</p>
		- Instrumentos	Tocar piano (C5)

	Conhecimentos Adquiridos	<p>- Canções</p> <p>Aprendi muitas músicas com o pai da C9 e aprendi que tenho de esperar pela minha vez (C7)</p> <p>As canções do pai da C9 (C20)</p> <p>Aprendi a música do girassol (C9)</p> <p>Aprendi músicas novas (C11)</p> <p>Aprendi músicas novas (C19)</p> <p>- Regiões</p> <p>Aprendi onde Pedro Alvares Cabral vivia e onde castigou os assassinos (C15)</p> <p>Aprendi coisas dos descobrimentos (C6)</p> <p>Gostei de aprender as aventuras (C3)</p> <p>Aprendi onde fica o brasil (C21)</p> <p>Aprendi onde fica o brasil e a índia (C2)</p> <p>Aprendi muitas coisas sobre a índia (C16)</p> <p>- Experiências</p> <p>As experiências têm de se fazer com um adulto (C10)</p> <p>Aprendi a fazer experiências (C17)</p> <p>Aprendi que as experiências são muito divertidas (C9)</p> <p>Aprendi a fazer experiências (C19)</p> <p>As experiências que a mãe da C9 veio fazer (C12)</p> <p>Aprendi experiências (C11)</p> <p>- Truques de Magia</p> <p>Aprendi muitos truques de magia (C9)</p> <p>Aprendi os truques de magia (C12)</p> <p>- Coisas Novas</p> <p>Aprendi muitas coisas novas (C4)</p> <p>Aprendi muitas coisas com as atividades todas (C1)</p>
--	---------------------------------	---

APÊNDICE VIII

A mãe da criança 3 veio à escola

No âmbito do projeto das estagiárias Ana Catarina e Ana Rita, sobre os descobrimentos, mais especificamente, “A viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil”, a mãe do António veio à escola falar-nos um pouco mais sobre o tema.

A mãe passou um vídeo sobre a vida de Pedro Álvares Cabral e algumas curiosidades da ligação que existe entre Santarém e o Brasil.

Alguns comentários do grupo:

- “Olha, aquela estátua é de Pedro Álvares Cabral”
- “Aquele é a bandeira da ordem de cristo”
- “Nesta foto, estão as duas bandeiras, a do Brasil e a de Portugal”
- “Ainda existe reis e índios”
- “Antigamente no Brasil os Índios falavam tupi”
- “D. Manuel I ficou muito contente de ter feito uma conquista”



A prima da criança 1 veio à escola

A prima da criança 1 veio à escola fazer uma atividade com o grupo sobre os descobrimentos, mais especificamente, sobre a viagem à Índia.

A atividade consistia em procurar cartões com imagens que estavam escondidos pela sala, de forma a que, quando todos encontrassem os cartões construíssem uma história, em grande grupo sobre a grande viagem de Vasco da Gama à Índia.

Os cartões com as imagens tinham desde instrumentos de navegação como a bússola, o astrolábio, o monóculo, a mapas com rotas, a caravelas e naus, entre outras.

Alguns comentários do grupo:

- “Que fixe”
- “Quem é aquele?”
- “Acho que é o Pedro Álvares Cabral”
- “Olha as caravelas”
- “Também está ali o leme e a bússola”
- “Para que serve o astrolábio?”
- “Então Vasco da Gama descobriu a Índia?”
- “Que história divertida”



O pai da criança 9 veio à escola

O pai da criança 9 veio à escola fazer uma atividade musical com o grupo, ao qual ensinou 3 músicas e fez um jogo.

Inicialmente, deixou um a um, experimentar o piano, para que sentissem a música, e as teclas.

Posteriormente começou a ensinar a primeira música, que era a do “olá, olá” parecida com as músicas do bom dia. A segunda é a música do “Amigo”. A última foi a do “Girassol”.

Por fim, explicou que o jogo iria consistir em andar pela sala ao ritmo da melodia do piano, e quando a mesma parasse, teriam de permanecer em estátua até voltarem a ouvir música. Com o passar do tempo, para dificultar, explicou que quando tocasse sons agudos, eram as meninas que se moviam pelo espaço enquanto os rapazes ficavam em estátua e quando fosse sons graves, eram os meninos que se moviam e as meninas permaneciam em estátua.

Alguns comentários do grupo ao mexer no piano:

- “É muito giro”
- “São muitas notas”
- “Tocaste tão devagarinho”
- “Tocaste notas bonitas”
- “Eu quero ir outra vez”
- “Isto é mesmo engraçado”



A mãe da criança 20 veio à escola

A mãe da criança 20 veio à escola fazer quatro experiências divertidas com o grupo.

Na primeira experiência utilizámos detergente da loiça, corante alimentar, bicarbonato de sódio, limão, uma caixa de plástico retangular, um copo pequeno, um copo grande, uma espátula de plástico e uma pipeta.

Os materiais que utilizámos para a segunda experiência foram o bicarbonato de sódio, óleo alimentar, vinagre, água quente, corante alimentar, um copo pequeno, um copo grande e uma espátula de plástico.

Para realizar a terceira experiência precisamos de utilizar um balão, bicarbonato de sódio, vinagre, uma espátula de plástico, um funil e ainda uma garrafa de plástico vazia.

Alguns comentários do grupo:

1º experiência

- Uau, está a subir, parece um vulcão
- É um vulcão de espuma

2º experiência

- Esta experiência parece gelatina
- São bolhas
- O vermelho está em baixo e o óleo está em cima



3º experiência

- O gás vai para cima e vai explodir
- Vai explodir o balão
- Vai soltar o gás, encher o balão e explodir

4º experiência

- É espuma
- Apetece comer
- Que giro
- É esponjoso.



A mãe da criança 17 veio à escola

A mãe da criança 17 veio à escola fazer 4 truques de magia com o grupo e no fim, contou uma história.

Durante os truques de magia as crianças ficaram entusiasmadas e cativadas do início ao fim, a alegria e a agitação eram evidentes. Já na história do “Alfredo, os teus dentes metem medo”, era visível a concentração e a tranquilidade que se fazia sentir na sala por parte das crianças que estavam atentas a ouvir a história.

Alguns comentários do grupo ao longo dos truques de magia:

- “Eu também quero uma varinha”
- “Eu já vi essa magia”
- “É uma bola”
- “Ah, a bola apareceu no bolso”
- “Foi mesmo magia”
- “Como é que aquilo aconteceu?”
- “Já fiz aquela magia”
- “Eu sei muitos truques de magia”



Alguns comentários do grupo ao longo da história:

- “Eu gosto de lavar os dentes”
- “Ele tem de ir ao dentista”
- “Tem de lavar os dentes todos os dias”



A mãe da criança 4 veio à escola

Inicialmente os três grupos da instituição ouviram uma história designada de “O Palhacito do Nariz Azul”.

Posteriormente, disponibilizámos o material necessário como rolo de papel e alguns marcadores para que as crianças, que quisessem, desenhassem e pintassem as personagens da história que tinham ouvido.

Alguns comentários do grupo:

- “Havia um palhacito”
- “Muito Lindo”
- “Muito palhacito”
- “Muito tonto”
- “Porque faz palhaçadas”
- “Porque pinta o nariz de azul”
- “O azul é diferente do vermelho”
- “É um palhaço lindo porque tem o nariz azul”
- . “No fim todos ficaram com o nariz azul”
- “Aprendeu a felicidade”
- “Os azuis não eram iguais “
- “Porque quando os palhaços fazem palhaçadas, nos rimos”



APÊNDICE IX

A Ajuda da criança 10



O que aconteceu?

A criança 10 observou que a criança 14 estava com dificuldades em atar os atacadores, e por isso, ofereceu a sua ajuda, dizendo que sabia atar e que o podia ajudar.

O que significa esta experiência?

A criança 10 foi observadora, reparou que o seu colega estava com dificuldades em realizar a tarefa e demonstrou responsabilidade e cooperação.

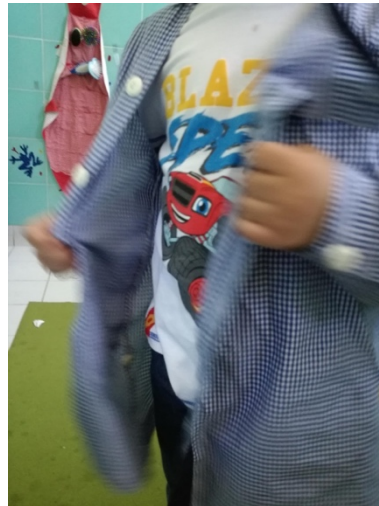
Oportunidades e Possibilidades

Elogiar a criança 10 sempre que ela demonstre estas competências para com os amigos.

Questão para os pais

O que acha da atitude da criança 10?

O Primeiro Botão da criança 8



O que aconteceu?

A criança 8 tem 4 anos e tem alguma dificuldade a desapertar os botões, mas com a sua perseverança para lidar com as dificuldades, não desistiu.

O que significa esta experiência?

A criança 8 esteve a capacidade de observar atentamente como eu desapertei os primeiros botões e com a sua perseverança e com o seu foco em aprender, conseguiu finalmente ultrapassar este desafio e desapertar o seu primeiro botão sozinho.

Oportunidades e Possibilidades

Estimular a criança 8 a ganhar competências e ultrapassar os desafios que se vão colocando ao longo do seu percurso, como por exemplo, atar os atacadores, andar sozinho de baloiço ou resolver os problemas do quotidiano sem usar o choro.

Questão para os pais

O que acha desta experiência da criança 8?

A Partilha do Beyblade



O que aconteceu?

A criança 7 estava ansiosa por jogar com os colegas, mas os beyblade eram poucos. A criança 8, que estava a jogar há pouco tempo, viu que o seu colega estava triste e deu a vez, por iniciativa própria, tendo sido a criança que começou a jogar mais tarde.

O que significa esta experiência?

A criança 8, com esta experiência demonstrou uma grande responsabilidade pela justiça e equidade, pois apercebeu-se que todos os meninos tinham o direito de jogar.

Oportunidades e Possibilidades

Proporcionar ao grupo momentos para que possam cooperar.

Questão para os pais

O que acha desta atitude da criança 8?

A Interajuda da criança 6



O que aconteceu?

A criança 6 estava a jogar com os amigos, e como o João era o menino mais pequeno e não sabia jogar, ela, por sua iniciativa, ajudou-o durante o jogo contando as casas.

O que significa esta experiência?

A criança 6 esteve a capacidade de se aperceber que o João não sabia jogar. Com esta experiência demonstrou responsabilidade e disposição para tomar o ponto de vista do outro, ajudando-o a vencer uma dificuldade.

Oportunidades e Possibilidades

Encorajar a criança 6 a ajudar os amigos a ganhar as competências que ela própria já adquiriu.

Questão para os pais

O que acha desta atitude da criança 6?
